

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – NEAB/CEPIGRAD
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ENSINO PROFISSIONALIZANTE
(PROGRAD)
COORDENAÇÃO DE INTEGRAÇÃO DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA (CIPEAD)
(ESPECIALIZAÇÃO)

SILVANA MARIA DE LARA

ORIKI ÁFRICA: O ESTUDO DO CANDOMBLÉ E DA UMBANDA NO ENSINO
RELIGIOSO NA CAPITAL PARANAENSE NOS ÚLTIMOS TREZE ANOS.

CURITIBA
2015

SILVANA MARIA DE LARA

ORIKI ÁFRICA: O ESTUDO DO CANDOMBLÉ E DA UMBANDA NO ENSINO
RELIGIOSO NA CAPITAL PARANAENSE NOS ÚLTIMOS TREZE ANOS.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB/CEPIGRAD, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante (PROGRAD), Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância (CIPEAD), modalidade a Distância, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Alex Ferreira Garcia

CURITIBA
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Zambi, que é a forma como eu compreendo o Transcendente como o Criador de tudo e todos e que nos fortalece com suas luzes mesmo nos momentos e que nos esquecemos de sua divina presença.

Aos meus pais, pelo dom da vida, à minha mãe pela força e presença constante em todos os momentos, ao meu pai que mesmo não estando mais no plano terrestre com certeza está presente em todas as fases de minha vida.

Ao Laércio meu companheiro, amor, amigo, irmão, que tanto me ajudou a superar dificuldades, compartilhou vitórias e dividiu comigo estes meses de pesquisa e dedicação, com muito apoio.

Ao meu orientador Alex, que me auxiliou a delimitar melhor esta pesquisa e me deu a autonomia tão necessária ao bom desenvolvimento acadêmico.

Aos meus alunos que sempre me instigam a busca pelo conhecimento, que me trazem questões que não haviam me passado pela mente em um primeiro momento, e que sempre me lembram do eterno prazer de ensinar e aprender.

As professoras Adriana, Sandra e Karin que gentilmente abriram seus planejamentos e experiências pedagógicas para contribuir com uma análise sobre o Ensino Religioso, e que junto a muito outros docentes, buscam formas de desenvolver a diversidade em sala de aula, trabalhando pelo reconhecimento do Ensino Religioso como área do conhecimento com seu devido valor na formação integral dos alunos.

E principalmente a todos os povos de santo, que sofrem preconceito na escola e em outras esferas da sociedade, e que no futuro possam usar branco com segurança e respeito merecidos e devidos, assim como as outras crenças merecem igualmente.

Tive um sonho, uma visão.
Sei que um dia muitos contarão.
Este fato que aconteceu
No ayê ou na nação...
Na sala de aula,
Um enxame de Ibejis,
Queriam informação.
Tocaram tambor,
Fizeram a roda
E foi enviada
A cantiga invocação.
Subitamente,
Apareceram a deusa do raio
E o deus do trovão
Que calmamente ensinaram:
O Estatuto e a 10.639
São Leis que complementam a da Abolição.
Foi feito um riscado e apareceu um raio.
Algo mágico aconteceu.
O quadro negro brilhou no escuro.
Ao som do trovão a Ibejada,
Que fazia barulho silenciou.
Compreenderam o recado, aprenderam o riscado,
Aprenderam o letrado
E o apagamento cultural,
O racismo velado,
Com a luz do corisco,
Foi revelado
Epahei Oyá!

Poema de Zelador Cultural
Candiero.

RESUMO

A presente pesquisa relata o trabalho pedagógico desenvolvido por três docentes atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental I de escolas públicas da capital paranaense dentro da disciplina do Ensino Religioso, enfocando o estudo das religiões de matriz africana na escola. Realizou-se uma breve descrição sobre as religiões de Umbanda e Candomblé, pois serem as que têm maior número de adeptos na região de Curitiba. Depois foram analisados os aspectos legais do Ensino religioso escolar garantido pela Lei 9394\96 e também pela Lei 10.639\03 que prevê a obrigatoriedade do ensino da História da África nas escolas públicas do Brasil. Foi feito um levantamento de pesquisas nesta área do conhecimento e percebeu-se que as religiões de matriz africana não são contempladas nas aulas de Ensino Religioso ou então são apresentadas de forma errônea, tendendo ao reforço do preconceito já existente na sociedade em geral, fruto de anos de segregação da cultura negra. Por isso, esta pesquisa pretende trazer a inovação de apresentar o trabalho de três professoras que trabalham em escolas públicas e desenvolvem os conteúdos de Ensino Religioso em caráter inter-religioso e não proselitista, o que está em conformidade com as leis vigentes em nosso país. O universo de pesquisa não foi escolhido ao acaso, uma vez que as profissionais têm seu trabalho reconhecido dentro da Secretaria Municipal de Educação e tem apresentado suas práticas em eventos ligados a esta área do conhecimento. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, tendo como método o estudo de caso, caracterizada como pesquisa exploratória, uma vez que buscou analisar os elementos de cada caso em um mesmo conjunto. Nas considerações finais, percebeu-se a importância da formação inicial e continuada dos docentes tendo em vista a aplicação da Lei 10.639 para garantir que os alunos tenham acesso a elementos da cultura africana e afro-brasileira e também para que o Ensino Religioso aconteça nas escolas de forma efetiva, sem proselitismo e respeitando a diversidade religiosa presente no Brasil e no mundo.

Palavras- chave: Ensino Religioso; Religiões Afro-brasileiras e Educação; Candomblé e Umbanda.

RESUMEN

El presente estudio muestra la labor pedagógica desarrollada por tres profesores actuantes en los primeros grados de la Enseñanza Fundamental I de escuelas públicas de la capital paranaense, dentro de la disciplina de educación religiosa, centrándose en el estudio de las religiones de origen africana en la escuela. Llevó a cabo una breve descripción de las religiones Umbanda y Candomblé, porque tienen un mayor número de seguidores en la región de Curitiba. Después se analizaron los aspectos jurídicos de la enseñanza religiosa escolar, garantizados por la Ley 9394 \ 96 y también por la Ley 10.639\03 que prevé la obligatoriedad de la enseñanza de la Historia Africana en las escuelas públicas del Brasil. Ha sido hecho un estudio de investigación en este campo del conocimiento y se percibió que las religiones de origen africana no están incluidas en las clases de educación religiosa o se presentan erróneamente, tiendéndose a reforzar los prejuicios existentes en la sociedad en general, fruto de años de la segregación de la cultura negra. Por lo tanto, esta investigación pretende acercar la innovación de presentar el trabajo de tres maestros que trabajan en escuelas públicas y desarrollan el contenido de la educación religiosa de carácter inter-religioso y no proselitista, lo que está de acuerdo con las leyes de nuestro país. El universo de la investigación no fue elegida al azar, ya que los profesionales tienen su trabajo reconocido en La Secretaria Municipal de Educación y han presentado sus prácticas en eventos relacionados con esta área del conocimiento. La metodología utilizada ha sido el enfoque cualitativo y el método fue el estudio de caso, que se caracteriza como trabajo exploratorio, ya que trató de analizar los elementos de cada caso en el mismo conjunto. En las palabras de clausura, se pone claro la importancia de la formación inicial y continua de los docentes mirando la aplicación de la Ley 10.639 para asegurar que los estudiantes tengan acceso a los elementos de la cultura africana y afro-brasileña y también para que la educación religiosa ocurra en las escuelas con eficacia y sin proselitismo y respetando la diversidad religiosa presente en Brasil y en el mundo.

Palabras clave: Educación Religiosa; Religiones Afro-brasileñas y Educación; Candomblé y Umbanda.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	8
1.2 UMA QUESTÃO DE MÉTODO.....	11
CAPITULO 2: TEM ATABAQUES NA ESCOLA.....	15
CAPÍTULO 3: UMBANDA E CANDOMBLÉ: POSSÍVEIS CONCEITUAÇÕES.....	18
CAPÍTULO 4: ENSINO RELIGIOSO: ASPECTOS LEGAIS E A LEI 10.639\03.....	26
CAPÍTULO 5: TRÊS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A UMBANDA E O CANDOMBLÉ.....	32
5.1 Práticas pedagógicas da professora A.....	34
5.1.2 O papel da mulher nos terreiros.....	35
5.1.3 Experiência pedagógica em Revista.....	39
5.2 Práticas pedagógicas da professora B.....	41
5.3 Práticas Pedagógicas da professora C.....	44
CAPÍTULO 6: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA TRÍADE DO CONHECIMENTO NA DIVERSIDADE.....	49
CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da observação pessoal e acadêmica das dificuldades que os professores tinham (e têm) ao tratar do estudo das religiões afro-brasileiras na sala de aula e teve como objetivos iniciais:

- Refletir sobre os limites e possibilidades do estudo de aspectos das religiões de matriz africana na disciplina do Ensino Religioso.
- Analisar a aplicação da Lei 10.639 ao estudar a questão religiosa afro-brasileira no espaço escolar.
- Conhecer práticas exitosas no Ensino Religioso realizadas por três professoras de escola pública.

A respeito do primeiro objetivo, observamos que existem muitas polêmicas em torno do estudo das religiões na escola, mas, diversas pesquisas teóricas e práticas mostram uma mudança, ainda que sutil no comportamento discente após o acesso a este conhecimento, porém:

Não basta estudar as diferentes religiões, é preciso conhecê-las para respeitá-las. Torna-se assim, necessário conhecer a realidade religiosa em suas diversas facetas para, em seguida, exercitar o respeito à diferença (BRANDEMBURG, 2009, p.83).

Este estudo por si só não é fácil, pois enfrenta resistência tanto dos alunos como muitas vezes das famílias e dos próprios professores, que acreditam que a sala de aula é local de propagação de sua fé. (BRANDEMBURG, 2009).

Mas além da dificuldade de estudar religiões que não sejam cristãs, ainda temos o agravante do preconceito historicamente construído sobre as religiões de matriz africana, que são caracterizadas no senso comum como algo demoníaco e primitivo.

O desconhecimento das lendas africanas, que nos dão subsídios para entendermos a cosmovisão, no que se refere à passagem do tempo, à ancestralidade e ao valor da presença dos mais velhos, à corporeidade, ao cooperativismo, à organização social, aos princípios de vida; enfim, o desconhecimento de seus valores sagrados e o mal-entendido que a história vem cometendo cristalizaram opiniões que agora, a meu ver, retardam a desconstrução dos estereótipos sobre a religiosidade, pois é dela que estes valores emanam. (LIMA, 2009, p.119)

Neste caso, cabe ao educador apresentar aos alunos as práticas, mitos, rezas e outras ritualísticas, a fim de que as crianças percebam a forte ligação destas crenças com a natureza e o seu criador, que é o mesmo Deus presente em outras religiões, porém com outro nome e outras práticas religiosas.

Não será um trabalho fácil, porém necessário ao desenvolvimento do convívio com a diversidade.

No segundo objetivo, temos o aspecto normatizador deste estudo, uma vez que está garantida na Lei a obrigatoriedade do ensino da História e cultura africana e afro-brasileira, porém podemos constatar em diversas pesquisas que esta lei ainda está longe de ser efetivada nas escolas, e que, além disso, muitas vezes este ensino é feito de forma preconceituosa, o que tende a reforçar o olhar discriminatório sobre a cultura negra e de seus descendentes.

No terceiro objetivo, temos uma inovação ao trazer o trabalho de docentes que tratam do estudo das religiosidades de matrizes africanas de forma respeitosa, importante não só na consolidação da Lei 10.639\03, mas na ampliação dos olhares dos educandos, pois elas propiciaram aos seus alunos vivências com diferentes práticas religiosas.

A pesquisa foi dividida em sete capítulos, sendo que na introdução faz-se uma análise dos objetivos iniciais do projeto além de tratar da questão metodológica.

No segundo capítulo temos a questão da religiosidade afro-brasileira presente na escola, em várias instancias, tanto como conteúdo de estudo, como prática religiosa de vários membros da comunidade escolar.

O terceiro capítulo faz uma breve conceituação sobre o que sejam as religiões de Umbanda e Candomblé e algumas de suas variantes presentes em nossos pais.

No quarto capítulo temos os aspectos legais que normatizam o Ensino Religioso escolar e a Lei 10639, apresentando pesquisas que versam sobre esta temática.

No capítulo cinco iniciamos a análise dos trabalhos das docentes, avaliando de que forma elas apresentam os elementos das religiões dos orixás, em um primeiro momento separadamente, para no capítulo posterior analisar as diferenças e semelhanças entre as práticas descritas.

Nas considerações finais, percebeu-se que o estudo proposto pelas três professoras vai além do cumprimento da lei, mas busca a formação integral dos educandos, com uma vivencia com a diversidade religiosa, inclusive com a possibilidade de contato, como foi o caso de duas docentes, de um membro do Candomblé que esteve na escola para fazer uma pequena fala, mostrar seus objetos e roupas rituais e procurar desmistificar esta religião para os educandos.

Também se mostrou urgente a disseminação de mais práticas exitosas como estas, para encorajar outros professores a trilharem este caminho de busca da diversidade, mas também a necessidade de formação inicial e continuada para que os docentes trabalhem todas as matrizes religiosas de forma respeitosa, inclusive a africana.

1.2 UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Para este estudo fez-se a opção pela abordagem qualitativa, uma vez que ela busca explicar fenômenos de forma integral e o mais aprofundado possível, utilizando-se de referenciais teóricos para analisar a realidade, respeitando a individualidade de cada objeto de estudo, que neste caso serão o trabalho de três docentes:

A opção por uma abordagem qualitativa deve ter como principal fundamento a crença de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real, concreto e objetivo e o sujeito; portanto, uma conexão entre a realidade cósmica e o homem, entre a objetividade e a subjetividade. (OLIVEIRA, 2008, p.60).

Apesar de serem respeitadas estas individualidades, perceberam-se pontos de semelhança entre os três universos de pesquisa: todas trabalham com alunos na mesma faixa etária, em escolas públicas do ensino fundamental I em Curitiba (cidade sob forte influência da colonização européia e católica, e com poucos praticantes das religiões afro-brasileiras, conforme dados do IBGE (2010), dentro da mesma área do conhecimento e com o mesmo conteúdo, que são as religiões de matriz africana, portanto existe conexão entre as mesmas.

Portanto foi feita uma amostra intencional, a qual não pretende fazer generalizações, mas analisar fatos isolados e suas variantes. (OLIVEIRA, 2008).

A escolha por estes trabalhos específicos se dá pelo reconhecimento que estas profissionais têm dentro da Secretaria Municipal de Educação e do seu papel de professor-pesquisador ativo em diversos eventos da área do Ensino Religioso, como o evento Compartilhando Experiências ^{1*}, realizado em 2014.

¹Evento anual realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba visando socializar práticas docentes no Ensino Religioso. Até o ano de 2013 era um evento exclusivo para professores desta rede, agora é aberto aos professores de outros municípios e da rede estadual também. Esta proposta vem chamando a atenção de pesquisadores na área do Ensino Religioso de vários países como a Alemanha. Em 2015 o evento completa cinco anos de existência enaltecendo as práticas ligadas ao ensino inter-religioso.

Poderiam ter sido escolhidas outras abordagens, afinal existem muitas possibilidades de métodos de pesquisa, mas para este estudo optou-se pela pesquisa documental que, segundo Gil (2002) traz materiais que ainda não passaram por um processo analítico, como planos de aula, experiências pedagógicas e relatos de experiências, que podem ser alterados pelos sujeitos produtores de conhecimento, no caso as docentes que são objetos deste estudo.

Portanto, analisaram-se como três professoras da rede pública municipal de Curitiba realizam o estudo das religiões afro-brasileiras com seus alunos, pois apesar das profissionais trabalharem em locais totalmente distantes, e, portanto, com realidades sociais variadas, elas lecionam para a mesma faixa etária e com os mesmos conteúdos delimitados pelo Currículo Municipal.

Duas escolas localizam-se no bairro Santa Felicidade e uma no Bairro Boqueirão.

São escolas diversas, mas devido à flexibilidade que o método proporciona, foi possível a análise destas três práticas pedagógicas em um mesmo estudo.

Também realizou-se uma pesquisa nas fontes primárias, (Oliveira, 2008), ou seja, nos projetos realizados pelas docentes, que estão, portanto, saindo diretamente da prática de sala de aula para ser fonte de estudo e análise nesta pesquisa.

Dentro da pesquisa documental fez-se uma pesquisa bibliográfica sobre os aspectos legais do Ensino da História e Cultura afro-brasileira e do Ensino Religioso, também uma pequena conceituação sobre as duas religiões para posteriormente analisarmos as atividades das docentes.

Portanto não pretendemos dizer que todas as aulas de Ensino Religioso são ministradas desta forma, se é que acontecem realmente na forma da Lei nas escolas brasileiras. (JUNIOR, 2009).

Este método será utilizado nesta pesquisa uma vez que foram analisadas as atividades realizadas por duas professoras e postadas em seus blogs, e da outra docente será analisada uma apresentação feita em forma de relato de experiência, além de projetos realizados por ela.

Não houve contato direto com os sujeitos produtores do conhecimento in loco, ou seja, na sala de aula, ou por entrevista, mas através da análise virtual de suas práticas pedagógicas dentro da disciplina do Ensino Religioso, que são

postadas no blog de duas das docentes. “Na contemporaneidade, a Internet se constitui uma ferramenta indispensável à humanidade para informações rápidas sobre os mais diversos assuntos.” (OLIVEIRA, 2008.p.70).

Este é um dos motivos pelo qual o trabalho destas professoras serem tão valorizados: ao divulgar seus projetos através do blog, ela está contribuindo para a formação continuada de outros profissionais, de forma quase instantânea via internet, além de aprimorar sua própria prática, uma vez que ao relatar as atividades propostas, faz uma análise das mesmas.

Da outra docente analisou-se um projeto apresentado no evento Compartilhando experiências e de outro projeto cedido pela mesma, onde são registrados os planos de aula.

Gil (2002) apresenta os pontos positivos de não entrar em contato direto com os sujeitos integrantes da pesquisa

Outra vantagem da pesquisa documental é não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que em muitos casos o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível. Em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o contato. (p.46).

Porém, não basta apenas ter os documentos disponíveis, é necessária uma análise e interpretação das atividades propostas, na busca da produção de novos conhecimentos. (SILVA, 2009).

Para isso fez-se uma descrição e avaliação do trabalho pedagógico na disciplina de Ensino Religioso feito por três professoras que interferem no seu contexto social em três escolas públicas municipais, especificamente aquelas atividades que tratam do estudo das religiões afro-brasileiras.

O objetivo foi apresentar práticas interessantes e lúdicas que possibilitam algum conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras.

Em um primeiro momento foram analisadas as práticas em separado para em seguida cruzar os dados que era semelhantes ou divergentes nas práticas pedagógicas

O processo de análise documental tem um desenvolvimento concatenado. Depois de obter um conjunto inicial de categorias, a próxima fase envolve um enriquecimento do sistema mediante um processo divergente, incluindo as seguintes estratégias: aprofundamento, ligação e ampliação. Baseado naquilo que já obteve, o pesquisador volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar a sua visão. Pode também explorar as ligações existentes entre os vários

itens, tentando estabelecer relações e associações e passando então a combiná-los, separá-los ou reorganizá-los. (SILVA, 2009,p.13).

Esta análise serviu para percebermos que existem determinados assuntos que foram explorados pelas três docentes, mas com metodologias variadas.

Quanto ao Ensino Religioso fez-se uma análise bibliográfica dos referenciais legais como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (1998), a Lei9475\97 que altera a LDB 9394\96 em seu artigo 33, o artigo de Kadlubitsk e Junqueira (2011), além de outras obras que possam auxiliar nesta discussão, assim como o Currículo Municipal de Curitiba.

Na parte teórica, se analisou as obras de Verger (2000) e Bastide (1974), por serem referências no estudo do Candomblé e Cumino (2010) e Oxóssi (2014) no estudo da Umbanda.

Depois, realizou-se uma pequena conceituação sobre o que é a Umbanda e o Candomblé, uma análise muito singela diante da riqueza e multiplicidade de cultos, crenças e costumes existentes dentro destas duas religiões.

Não pretende-se negar o valor das outras religiões afro-brasileiras como constituintes da cultura brasileira e também como formas de resistência ao catolicismo imposto como: Candomblé de Caboclo, Jurema, Toré, Batuque, Tambor de Mina, Xangô, Macumba, Cabula, Omolocô, entre outras manifestações.

Foram selecionadas apenas estas duas religiões para o estudo por serem as que possuem maior influencia e numero de adeptos na região. (TRAMONTE, 2013).

Conforme dados do Censo do IBGE (2010) o Paraná possui um número maior de pessoas que se autodeclaram Umbandistas (8.949 pessoas) do que as que se declaram Candomblecistas que somam 1.891 indivíduos, e um pequeno percentual das que se declaram de outras religiões de matriz africana, mas a predominância é do grupo cristão.

Porém temos que levar em conta que muitas pessoas podem ter medo do preconceito que acreditam que sofrerão e, portanto, respondem de forma inexata ao questionário, podendo este número não ser compatível com a realidade, sendo bem maior do que o exposto na pesquisa.

CAPÍTULO 2: TEM ATABAQUES NA ESCOLA

Explorou-se nesta pesquisa como se dão algumas práticas pedagógicas e o estudo das religiões afro-brasileiras na escola pública dentro da disciplina do Ensino Religioso, tendo em vista a obrigatoriedade prevista na lei 10.639\03 a qual deveria garantir o ensino da História e cultura afro-brasileira nos currículos oficiais.

Porém, tendo em vista a forte carga preconceituosa que estas religiões sofrem na sociedade em geral, inclusive dentro da escola, torna-se necessário conhecer de que forma os professores desenvolvem este conteúdo em sala de aula, inclusive verificar se esta matriz religiosa está contemplada nas aulas ou não.

Há uma possibilidade de se pensar um movimento de mão dupla entre o Ensino Religioso e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, pois, de um lado, ao incorporar essa discussão, abre-se a possibilidade de um rompimento real com o proselitismo no Ensino Religioso, por outro, deve-se reconhecer este como um espaço indispensável para se pensar a problematização das relações étnico-raciais no país. (OLIVEIRA, 2014, p.185).

É fundamental que o professor esteja devidamente instrumentalizado teoricamente pelos conhecimentos sobre estas matrizes religiosas, a fim de não reforçar o preconceito ou então de transmitir dados errôneos sobre estas formas de comunicação com o Transcendente.

A predominância do Cristianismo no Ocidente não é fato novo, mas um movimento que estamos observando em nossa sociedade brasileira atual é o crescimento do segmento evangélico neopentecostal que tem em algumas de suas denominações a pregação do fundamentalismo religioso como base teológica:

Mais ainda: só Jesus é o caminho, a verdade e a vida, o único e suficiente salvador. Fora dele há somente perdição. Desse rigorismo se deriva o caráter militante e missionário de todo fundamentalista. Em face dos demais caminhos espirituais ele é intolerante, pois significam simplesmente errância. (BOFF, 2002, p.15).

Porém o fundamentalismo não se restringe somente ao meio evangélico, ele também está presente em algumas ramificações do Catolicismo, que chegam a afirmar que somente eles seriam os “verdadeiros cristãos” (BOFF, 2002).

E é em meio a este fundamentalismo instaurado que estão os alunos, que frequentam muitas vezes estas religiões e também os professores, que podem ser destas pertencas religiosas e professores de Ensino Religioso simultaneamente.

Em pesquisa relatada por Silva (2006) a grande maioria das estudantes de Magistério achava que a escola não deveria ofertar uma disciplina sobre orientação religiosa, mas apontaram como datas que não podem faltar no calendário escolar a Páscoa, o Natal e o dia das Mães.

Percebe-se a forte influência cristã e a falta de conhecimento sobre a pluralidade cultural existente em nosso país e inclusive o desrespeito pelos que optam por não ter uma crença religiosa, pois

O direito à liberdade de consciência e de crença faz parte do conjunto dos direitos de todo o cidadão, de toda a cidadã. Para que na educação seja respeitado o diálogo com as diferentes culturas é de suma importância que, em nível nacional, Instituições de Ensino Superior viabilizem cursos de formação de professores incluindo também os de Ensino Religioso. (CARON, 2013, p.57).

Nestes casos entra em cena a busca pela neutralidade, ou seja, a constante lembrança de que a escola como espaço do conhecimento sistematizado deve rechaçar estas práticas intolerantes e apresentar as religiões de forma respeitosa e buscando apenas o conhecimento e o apreço pela diversidade.

Por isso a importância desta pesquisa, ao fazer a análise das atividades realizadas pelas professoras, que estão disponíveis nos blogs criado por duas delas, através dos diários de classe e também pela apresentação em forma de relato de

experiência feita no evento realizado pela Prefeitura Municipal de Curitiba chamado Compartilhando Experiências.

Muito se tem falado sobre o uso do Ensino Religioso como lugar de catequese e imposição da fé cristã, inclusive muitas pesquisas apontam para esta realidade. (BAKKE, 2011, NETO, 2010 e JUNIOR, 2009).

Justamente por isso este estudo traz a inovação de colocar três práticas pedagógicas voltadas para a diversidade que inclui as quatro matrizes religiosas^{2*} e apresenta a religiosidade afro-brasileira de forma lúdica e respeitosa, como deveriam ser todas as aulas de Ensino Religioso.

Não pretendemos dizer que o fato das docentes trabalharem o conteúdo em sala de aula vai fazer com que a visão dos alunos se altere completamente uma vez que :

Assumir que pela escolarização reverteremos esses processos estruturantes da segregação cidadã de milhões de brasileiros é ingenuidade política e profissional. É encobrir os processos, padrões reais, políticos e econômicos que reproduzem a subcidadania dos coletivos pobres, negros, indígenas, dos campos ao longo de nossa história. (ARROYO, 2011, p.365).

Se não conseguimos mudar estes processos de segregação, ao menos foi possível proporcionar aos alunos a vivência com formas diferentes da maior parte da população de contato com o Transcendente, que é a cristã, portanto ofereceu-se aos alunos o contato com a diversidade.

A escolha do título expressa este conceito de diversidade: o termo **oriki**, segundo Verger (2000, p.38) é um cumprimento que: “É uma forma de saudação em que são enunciados os nomes gloriosos, as divisas, as louvações especiais ao Orisa que exaltam seu poder e recordam fatos e proezas do ancestral divinizado.”

Justamente é o que o trabalho desenvolvido por estas três docentes mostra aos alunos: as virtudes e poderes dos Orixás e apresentando as religiões de matriz africana de forma simples, conforme a faixa etária dos alunos.

² Matriz oriental, ocidental, africana e indígena (FONAPER, 1997).

E também exalta a importância da cultura africana, que assim como as outras em muito contribuiu para a construção da sociedade brasileira, mas que em muitos momentos, é renegada ou diminuída, principalmente ao falarmos de religião.

CAPÍTULO 3: UMBANDA E CANDOMBLÉ: POSSÍVEIS CONCEITUAÇÕES

Ara wara Kosi mi fara

Todos unidos num mesmo corpo, nada há no mundo que possa contra mim!

(SODRÉ, 2002)

Antes de adentrarmos nos aspectos legais do Ensino Religioso e o estudo das religiões afro-brasileiras nesta disciplina, faremos uma breve conceituação das duas religiões que foram nosso objeto de estudo.

Foi uma análise simples diante da complexidade de cultos e variantes existentes dentro destas duas religiões, mas apesar de singela, é uma pequena tentativa de explicação destas duas crenças que serão apresentadas aos alunos no ambiente escolar.

Ambas são heranças dos povos africanos que vieram escravizados para o nosso país, e que tiveram que se adaptar a situação imposta: "Os navios negreiros transportavam a bordo não somente homens, mulheres e crianças, mais ainda seus deuses, sua crença e seu folclore." (BASTIDE, 1974, p.26).

É importante esclarecer aos educandos que, em nenhum momento a escravidão foi vivida pelos africanos com passividade e que aconteceu sem resistência por parte dos oprimidos. E que uma das formas de resistência se deu através da religião.

A Umbanda e o Candomblé são crenças que tem elementos do sincretismo religioso imposto em um primeiro momento, e depois aceito entre as crenças locais indígenas, as africanas e a Igreja Católica.

Dentre as duas crenças citadas, o Candomblé é a que mais se aproxima dos cultos africanos por manter algumas das crenças, língua e costumes da África.

Segundo Verger (2000, p.24)

Candomblé é o nome dado na Bahia às cerimônias africanas. Ele representa, para os seus adeptos, as tradições dos antepassados vindos de um país distante, fora de alcance e quase fabuloso. Trata-se de tradições, mantidas com tenacidade, e que lhes deram a força de continuar sendo eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo que eram objeto suas religiões, além da obrigação de adotar a religião de seus senhores.

Este é um dos aspectos a ser apresentado aos alunos: a religião como forma de luta contra o sistema escravista e também como meio de perpetuação da cultura africana em solo brasileiro, e apresentar o Candomblé além de uma crença, mas com um meio de resgate da cultura africana extirpada pela escravidão, que precisou se adaptar e se reinventar nas terras brasileiras.

Andrei (2014) apresenta esta religião como múltipla, uma vez que em cada região do Brasil, ela assumiu diferentes características, mas mantendo alguns elementos em comum como: a vida em comunidade, o respeito aos ancestrais, o respeito à natureza e a força que nos liga a tudo que existe tanto no plano material como imaterial: o Axé.

Segundo a autora existem quatro linhas principais no Candomblé:

- 1-Candomblé Ketu, Nagô, ou Jêje-Nagô- no qual se usa a língua Yorubá, falada pelos povos da região da Nigéria, e que cultua os Orixás; ele é predominante na Bahia, no Rio de Janeiro, parte de Minas, Paraná e São Paulo;
- 2-Xangô, que é uma variante do Candomblé Jêje-Nagô e é característico de Pernambuco;
- 3-Batuque, que também é uma variante do Candomblé Jêje-Nagô mas não tem conexão histórica com o Nordeste, sendo característico do Rio Grande do Sul.
- 4- Candomblé Congo-Angola, no qual se usa principalmente a língua Bakongo, com influências do Kimbundo e do Umbundo, línguas do tronco Bantu, faladas pelos povos da África Central que cultuam os Inkisses. (p.108).

É importante mostrar aos alunos que existem muitas variações de cultos e crenças dentro da matriz africana ,e não apresentá-la de forma unificada, o que seria uma forma de diminuir o valor de cada religião e dos sincretismos ocorridos nestas crenças desde a África Antiga, até o que aconteceu com os negros escravizados e a imposição da Igreja Católica.

Mas, segundo Sodré (2002) no Brasil não houve um sincretismo religioso entre as religiões de matriz africana e o Catolicismo, pois não ocorreram mudanças na estrutura de ambas:

ou seja, o entrecruzamento das diferenças, a aproximação dos contrários não produziram uma síntese histórica de dissolução de diferenças, mas um jogo de contatos, com vistas à preservação de um patrimônio comum na origem (embora diversificado na especificidade do ritual) e à conquista de um território social mais amplo para a etnia negra. (p.60).

O que houve, segundo o autor foi um entrelaçamento de conceitos impostos pela Igreja Católica e assimilados pelos negros como forma de resistência ao sistema dominante, quer dizer, ao invés de aceitar o Catolicismo, o negro viu na interseção entre suas crenças e a do branco europeu uma possibilidade de liberdade simbólica dentro das senzalas, pelo menos no momento dos cultos.

Falta de liberdade não é impossibilidade de optar entre o sim e o não, mas a passividade e a impotência contra esta passividade o Axé, a força realizante da Arkhé. A partir do terreiro, território de um jogo cósmico, o Axé dos escravos e seus descendentes mostra os limites ao poder do senhor: graças à força da alacridade, resiste-se a pressão degradante dos escravizamentos de qualquer ordem e institui-se um lugar forte de soberania e identidade. (SODRÉ, 2002, p.165).

Portanto a religião uniu o negro e o indígena sob praticamente as mesmas crenças e também agregou o Catolicismo branco europeu, como forma de resistência ao sistema dominante.

Esta associação entre as divindades africanas e os santos católicos não se deu de forma única e estática em todo o Brasil, pois conforme Bastide (1971) devemos levar em consideração na hora da análise alguns elementos como:

As correspondências nascem e morrem conforme as épocas; mas, a variabilidade é ainda maior quando em lugar de estudá-la no tempo, estudamo-la no espaço [...] Cada centro africano descobriu, pois, por sua própria conta, seu quadro de correspondências. (p.371).

Isto quer dizer que encontramos o mesmo orixá sincretizado com vários santos católicos conforme o local e também conforme o tempo em que a pesquisa é feita.

O autor também ressalta as diferenças entre o sincretismo de uma para outra casa de Candomblé, que podia se dar pela nação de origem dos africanos e mesmo como forma de resistência de uma cultura sobre as outras.

Também houve o sincretismo entre os diversos povos africanos trazidos nos navios negreiros, que pertenciam a culturas muitas vezes opostas e até inimigas, mas que viram na união uma possibilidade de busca pela liberdade.

E uma destas uniões se deu através da religião que segundo Bastide (1974) pode ser um sincretismo em mosaico, que seria a junção de várias crenças sem a perda da identidade individual, ou também o sincretismo por justaposição ou fusão, que seria quando não podemos mais delimitar onde começa uma religião e termina outra, onde houve realmente a mistura de crenças.

Para o autor este segundo tipo de sincretismo é o que encontramos no Brasil: "o sincretismo se transforma nessas formas mais longínquas em uma ideologia religiosa, expressão do que ficou convencionado chamar-se de "democracia racial" brasileira "(p.83).

Também se faz necessário discutir com os alunos até que ponto o mito da democracia racial ainda está presente na nossa sociedade, se os educandos percebem a diferença no tratamento entre pessoas de diversas etnias, é um possível momento de reflexão.

Estas crenças sofrem muito preconceito na sociedade em geral, por serem associadas ao mal, tendo o senso comum classificado as religiões de matriz africana como algo demoníaco, segundo o padrão judaico-cristão dominante, mas

Ao abordar o estudo destas religiões, é necessário abstrair certos postulados: bem e mal, que correspondem exatamente ao nosso conceito de bem e de mal, pecado original, divina providência, e substituí-los pelos conceitos de eficácia, força, luta pela existência em tudo que se ganha, se merece se conquista. (VERGER ,2000,p.16).

Ou seja, ao levarmos o conhecimento desta cosmovisão para os alunos, estamos ampliando seus olhares de que é possível existir outras formas de

pensamento que não o dualismo bem\mal, mas também com nuances destes opostos ou até mesmo, com a inexistência do mal, como pregam algumas religiões.

Os mitos dos orixás nos demonstram estas diferenças: a mesma divindade é capaz de ajudar os outros seres como também de prejudicá-los, portanto apresentam um aspecto humano, falível e próximo dos seus fiéis. (PRANDI, 2000).

São muitas as definições sobre o que é um orixá, para Verger (2000) ele é uma força da natureza e também um ancestral africano divinizado, ou seja, tem uma parte humana e outra divina, o que é à base da crença do Candomblé brasileiro.

Segundo Bastide (1971) os orixás teriam reencarnado como europeus, que posteriormente foram canonizados, portanto, os espíritos dos santos são os mesmos dos orixás, que são os ancestrais africanos divinizados.

Para Oxóssi (2014) os orixás são vistos de forma diferente na Umbanda e no Candomblé:

A Umbanda, apesar de cultuar Orixás que também são cultuados nas religiões de origem Nagô Yorubá, possui uma compreensão diferente, e, ao contrário do que aconteceu nessas religiões, não possui uma visão mitológica ou antropomórfica de seus Orixás.(p.60).

Segundo o autor, na Umbanda os orixás são seres perfeitos criados por Deus e que nunca tiveram uma existência corporal, mas sempre divina e que emanam energias de paz, amor e outros sentimentos positivos aos seres humanos.

Seja qual for a sua origem, os orixás são divindades cultuadas tanto no Candomblé como na Umbanda, e que são homenageados com oferendas e cânticos em seu louvor, os quais são acompanhados por três atabaques.

A música é um elemento essencial nestas duas religiões, pois:

Os atabaques desempenham, nestes cultos, um papel essencial. São para os negros muito mais que meros instrumentos musicais que servem para acompanhar as cantigas e danças religiosas. São considerados seres dotados de alma e personalidade. São batizados e, de vez em quando, é necessário infundir-lhes uma nova força por meio de oferendas e sacrifícios. (VERGER, 2000, p.25).

Justamente este som que gera a sintonia com os deuses para os adeptos, é o mesmo que provoca preconceito e temores nas vizinhanças do terreiro, e que são motivo de intolerância religiosa.

Os terreiros são lugares sagrados que devem receber o devido respeito, como qualquer espaço de culto, além de serem, no período da escravidão, um espaço de encontro para socialização entre os negros e também de organização de revoltas contra o sistema escravista. “Mas o terreiro de Candomblé afixava-se como um território ético-cultural capaz de acolher de modo mais geral o entrecruzamento dos espaços e dos tempos implicados na socialização do grupo negro.” (SODRÉ, 2002, p. 148).

Além deste caráter político, o terreiro simboliza para as religiões afro-brasileiras não apenas um local de orações, mas é uma representação do céu e da terra portanto: “Ali se acham presentes as representações dos grandes espaços em que se assenta a existência: o Orun (o invisível, o além) e o Ayê (mundo visível)... Orun e Ayê embora diferentes interpenetram-se, coexistem.” (SODRÉ, 2002,p.54).

Aqui mais uma vez cabe ao professor esclarecer aos alunos que existem muitas formas de louvar ao Transcendente e uma delas é através da música, da dança e de vestimentas diferenciadas, que devem ser respeitadas assim como todas as demais manifestações religiosas existentes, e também mostrar aos educandos que a religião tem seu caráter político e em muitos momentos da História influenciou fortemente o destino da humanidade.

A Umbanda é uma religião brasileira que surge no início do século XIX com Zélio de Moraes, que procurou sistematizar a crença trazida pela entidade chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Esta religião abrange elementos do Catolicismo popular, do Kardecismo, da pajelança indígena e dos cultos africanos, além de prestar culto a espíritos de pessoas de diferentes períodos históricos: linha dos boiadeiros, dos marinheiros, dos caboclos, das crianças, entre outras. (OXÓSSI, 2014).

Ela possui mais elementos católicos do que o Candomblé, pois adotou rezas, imagens e festas da Cristandade.

Segundo Cumino (2010) a Umbanda possui vários segmentos, mas todos seguem o princípio básico da caridade, ou seja, não cobra pelos trabalhos e consultas realizados nos terreiros. Para o autor é difícil classificar a Umbanda em um termo ou expressão, pois: “existem sim algumas variantes dentro do que pode ser

considerado Umbanda e outras que se colocam à margem de seus fundamentos de caridade e religião brasileira". (p.85).

Mesmo diante desta dificuldade, Cumino (2010) faz uma classificação, conforme segue um breve resumo, que não abrange todas as vertentes existentes:

Umbanda branca- termo usado para definir uma linha que não trabalha com os espíritos da linha da Esquerda que são Exú e Pomba-gira, personificados pela Igreja Católica como o mal, ou demônios.

E também, segundo Cumino, seria uma alusão ao lado negativo associado à cor preto \ negro \ negra. Portanto seria uma forma de dizer que esta linha age no bem, são da Umbanda branca, poderia ser também uma forma de racismo dentro do próprio culto.

Umbanda pura- seria a linha que tende mais para o Espiritismo Kardecista e menos o lado africano da religião. Pretendiam uma codificação da doutrina Umbandista e estavam mais ligados às classes abastadas da sociedade.

Umbanda popular- desenvolve suas práticas sem o uso de estudos ou doutrinas, somente a parte prática do contato com os espíritos. O conhecimento é passado pelos espíritos ou guias espirituais e o médium deve segui-los, sem questionar, sem nenhuma fundamentação teórica.

Umbanda esotérica ou iniciática: procuram seus conhecimentos nos estudos ocultos de várias civilizações como os hindus, egípcios, maias, entre outros.

Muitos acreditam que esta linha será o destino evolutivo de todos os outros segmentos da Umbanda, portanto todos os outros segmentos vão confluír para a ordem iniciática ou esotérica.

Umbanda Trançada, Mista e Omolocô- tem maior influência do Candomblé brasileiro e dos ritos africanos, podem praticar rituais com sacrifícios de animais.

Umbanda de Caboclo- como o próprio nome já diz, têm a prevalência de entidade da linha dos Caboclos, espíritos dos antigos índios brasileiros.

Umbanda eclética- possui elementos de diversas religiões, recebendo entidades e guias espirituais de diversas origens, inclusive com a linha do Oriente.

Umbanda Sagrada ou natural- sistematizada por Rubens Saraceni, seria uma forma mais simplificada de explicar a Umbanda como um todo, incluindo suas variantes.

Umbanda Cristã- está mais associada à Igreja Católica e ao início da Umbanda, uma vez que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o seu fundador

espiritual, teria sido em outra encarnação frei Gabriel de Malagria, o que explica a aproximação do culto feito por Zélio de Moraes com o Catolicismo.

Este elemento se mantém na Umbanda, em suas várias vertentes, através das imagens dos santos católicos sincretizados com os orixás africanos, com o uso de rezas cristãs e também com o nome de algumas entidades de Preto-velho que fazem alusão aos santos católicos.

CAPÍTULO 4. O ENSINO RELIGIOSO: ASPECTOS LEGAIS E A LEI 10.639\03

O Ensino Religioso passou por diversas mudanças ao longo de sua existência desde o período da colonização, passando de catequização católica para o estudo de diferentes manifestações do Sagrado. (FONAPER, 1997).

Passou a ser responsabilidade da escola e não mais da Igreja, portanto exige dos cursos de formação de professores uma formação inicial básica para um bom desempenho da disciplina em sala de aula, pois

“O trabalho do E.R. em sala de aula possui muitas possibilidades, requer planejamento, pesquisa constante e formação continuada, mas é compensador pelos resultados possíveis e surpreendentes que advém desse esforço.” (BRANDEMBURG, 2009, p.90).

Porém sabemos que a formação de professores tanto inicial como continuada nesta área do conhecimento ainda é muita falha em nosso país (BRANDEMBURG, 2009), necessitando de um maior investimento na preparação docente para o exercício nesta área do conhecimento.

Em seu artigo Kadlubitsk e Junqueira (2011) defendem o Ensino Religioso como uma possibilidade de conhecimento, dentro do espaço escolar, sobre o Sagrado e também como uma forma de cultivo do respeito às culturas diversas.

Esta disciplina está regulamentada pela Lei 9475\97 que altera a LDB 9394\96 em seu artigo 33:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (BRASIL, 1997).

Neste contexto é que o estudo das religiões afro-brasileiras insere-se, pois estas crenças são historicamente perseguidas e criticadas na sociedade brasileira que é majoritariamente cristã e herdeira de uma sociedade colonizadora européia. (PORTO, 2014).

Diante deste cenário de medos e preconceitos é que o conhecimento acerca destas tradições religiosas faz-se necessário, no intuito de esclarecer e de propor uma atitude de respeito frente ao diverso.

Em suma, a configuração dos currículos escolares, tanto quanto a da escola, não se desvincula da compreensão de fenômenos culturais. Isso só faz aumentar a importância dos processos educativos desencadeados nos diferentes níveis de ensino, pois é a partir deles que as experiências de ensinar e aprender se revelam como experiências da vida e para a vida. (PEREIRA, 2007, p.19).

Esta ampliação cultural está garantida oficialmente pela Lei 10.639 (Brasil, 2003) que prevê a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas, em todos os componentes curriculares, principalmente nas disciplinas de Arte, História e Língua Portuguesa. E também insere-se na disciplina do Ensino Religioso.

A falta de compreensão do real objetivo desta área do conhecimento, que é o Sagrado, levou ao surgimento de propostas para eliminar esta disciplina do currículo por acreditarem que ela fere o direito de liberdade de culto e o Estado laico. (BESEN, 2008).

Mas para os que se dedicam a estudar com certa profundidade as pesquisas desenvolvidas nas Ciências da Religião e na Teologia, percebem que é possível permitir ao aluno uma reflexão sobre os aspectos políticos, econômicos, psicológicos, históricos, antropológicos, dentre outros que envolvem a questão religiosa ao longo da História através do Ensino Religioso e o quanto este conhecimento pode enriquecer a formação de um indivíduo, promovendo o diálogo inter-religioso e o conhecimento sobre elementos de algumas religiões presentes no Brasil e no mundo. (FONAPER, 1998).

Dentro deste contexto de respeito frente à diversidade religiosa insere-se o estudo de elementos das religiões de matriz africana na escola tendo como o objetivo o conhecimento, de forma neutra e a mais embasada teoricamente possível, procurando levar o aluno a perceber o contexto da cultura em que estas crenças surgem no Brasil e também de que forma estas crenças permanecem em nossa sociedade contemporânea.

O ataque às religiões afro-brasileiras está associado ao fato da religiosidade ser um meio de resistência da cultura dos escravos e hoje dos seus descendentes, mas não exclusivamente deles, pois em um terreiro, é possível ver iniciados de diversas etnias, mas que acabam sendo também estigmatizados por serem adeptos de uma “religião de negro”, e este fato, muitas vezes, reflete-se na escola.

“A religião em conserva é o efeito desses preconceitos, a expressão da vontade de resistência de uma cultura ameaçada, e de conservação de sua identidade étnica, cristalizando a tradição e livrando-a do fluxo da História.” (BASTIDE, 1974, p.123).

São casos, em que alunos são perseguidos pela sua religião, ou que ouvem “piadinhas” pejorativas sobre a questão de ser negro e pertencente a estes cultos, fato que nem sempre se comprova, pois encontramos adeptos de várias etnias nestas religiões. (NONATO E SILVA, 2009).

No Brasil, existe uma forte ligação entre o preconceito racial e o religioso, pois em geral, associa-se a magia negativa aos africanos e seus descendentes, algo que já está consolidado no senso comum desde o período da escravidão e continua reafirmado até os dias de hoje. (PORTO, 2014).

Munanga (2009, p.29) também discute esta questão da marginalização da cultura africana, e relata como foi construída esta imagem negativa do negro com justificativas biológicas, climáticas, geográficas e também religiosas:

na simbologia de cores da civilização européia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de idéias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba, e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho.

Após realizar esta personificação do mal nas religiões de matriz africana, algumas religiões neopentecostais (e outras crenças também) atacam estas de forma ativa, seja durante o culto ou até mesmo em invasões a terreiros ou agressões aos membros das religiões afros.

Neste sentido Kadlubitsk e Junqueira (2011) esclarecem sobre a importância da formação docente nesta área, para que o professor trabalhe estes conteúdos da

melhor forma possível, sempre reforçando a questão do respeito frente à diversidade. “Pensamos ainda que as culturas afro-americanas longe de estarem mortas, brilham e se impõem aos brancos. Poderão, amanhã, num mundo incessantemente mutável, dar ainda novas florações e nutrir, com seu mel ou suas pimentas, novas promessas de frutos. “(BASTIDE, 1974, p.207).

Esta atitude de ressaltar o valor de todas as matrizes religiosas: ocidental, oriental, africana e indígena, e principalmente a essas duas últimas já está explícito nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (FONAPER, 1998), documento norteador para os professores que atuam nesta área, a qual expressa a necessidade do conhecimento religioso como forma de cultivo do respeito que pode ser promovido pelo estudo das diversas culturas.

Neto (2010) pesquisou em sua dissertação de Mestrado em Educação como se deu o estudo religiões afro-brasileiras na disciplina do Ensino Religioso nas escolas públicas do ensino fundamental e médio no Distrito Federal. O autor destaca o fato de haverem poucas produções científicas sobre a temática do Ensino Religioso e religiões de matriz africana na perspectiva da diversidade, mas que se encontram trabalhos que muitas vezes, reforçam os preconceitos já existentes.

O autor também ressalta a importância de políticas públicas que garantam a aplicação da lei 10.639 nas escolas e que o Estado deve fornecer e primar pela qualidade na formação do professor do Ensino Religioso em uma perspectiva multicultural e antirracista.

Bakke (2011) refletiu em sua pesquisa sobre como as religiões de matriz africana são estudadas nos currículos escolares em geral, não especificamente na disciplina do Ensino Religioso.

A autora faz um caminho semelhante ao de Neto (2010) ao analisar como é desenvolvida a temática religiosa afro-brasileira nas escolas, observando os materiais didáticos utilizados, os cursos de formação continuada, porém Bakke analisa também algumas atividades pedagógicas, ou seja, a autora analisou como os professores têm feito a transposição didática do tema, chegando à conclusão que os docentes tendem a folclorizar a questão religiosa, desfocando os aspectos históricos, econômicos, psicológicos e outros que envolvem o contato com o Transcendente.

Silva (2008) trata da importância do estudo das religiões afro-brasileiras na escola como forma de valorização da cultura afro e de reconhecimento dos elementos destas religiosidades no nosso cotidiano.

Reconhecer as especificidades dos diferentes contingentes culturais que dão forma à nação brasileira é uma condição fundamental para construirmos uma sociedade justa e solidária, que tenha no diálogo e no respeito ao outro o ponto de partida para a promoção do bem comum. (PEREIRA, 2007, p.23)

E nesta valorização a escola pode estar presente ao apresentar aos educandos aspectos positivos e valiosos de todas as matrizes, inclusive a africana.

Ivoleta (et. al, 2011) refletem sobre a importância do estudo da Umbanda nas aulas de Ensino Religioso. Nesta pesquisa os autores concluíram que há falta de materiais didáticos sobre as religiões afro-brasileiras e os que existem geralmente apresentam de forma errônea a Umbanda e o Candomblé de forma unificada, o que não procede, pois são religiões distintas.

Outro fato ressaltado é que nos materiais didáticos raramente se fala nas outras religiões afro-brasileiras, apenas nas duas citadas.

Tramonte (2013) analisa como as influências africanas estão arraigadas na cultura brasileira, incluindo as religiões e o preconceito que elas sofrem.

Esta inferiorização, na opinião da autora esta relacionada ao racismo e com a ideia de senso comum que a cultura africana seja inferior, primitiva.

Os cultos afro-brasileiros ainda estão fortemente associados ao negro, sendo popular o termo “religião de preto”, de forma a diminuir e estigmatizar as formas de religiosidade afro-brasileiras, sendo que esta afirmação nem sempre é verdadeira, uma vez que encontramos pessoas de várias etnias dentro destas religiões.

A autora destaca que esta visão acaba sendo transferida para o espaço escolar, perpetuando a ideia de que estas religiões são demoníacas e atrasadas, conceito que pode ser discutido na comunidade escolar, conforme a disposição dos professores, podendo atenuar os preconceitos existentes.

Em seu artigo, Junior (2009) ressalta a importância do estudo das religiões afro-brasileiras na escola no sentido de ampliar os conhecimentos dos educandos sobre os aspectos históricos e culturais do Brasil. No aspecto político, o autor frisa a

questão das religiões africanas terem sido elementos de resistência contra a escravidão, e também como elemento de união entre os negros escravizados.

Outro ponto importante que justifica o ensino das religiões afro-brasileiras de forma pedagógica é no sentido da desmistificação destas crenças como ligadas ao demônio, uma concepção do senso comum construída há muitos séculos atrás, mas que perdura como uma das manifestações do racismo.

O autor também salienta que o fato de estas crenças não terem uma entidade malévola personificada, ou seja, um diabo torna incoerente afirmar que a Umbanda e o Candomblé são demoníacos.

Ao final do artigo, Junior (2009) pretende levar os educadores a uma reflexão sobre a forma como estão desenvolvendo a temática religiosa africana e afro-brasileira na escola, e como as opiniões pessoais dos docentes podem perpetuar as práticas preconceituosas já existentes em outras esferas da sociedade, ou também o professor pode esclarecer e criar uma atmosfera respeitosa frente a estas crenças, dependendo do encaminhamento realizado.

Neste mesmo sentido de respeito e diálogo, Gabarra (2010) reflete sobre a religiosidade popular brasileira como uma forma de expressão histórica e cultural.

Segundo a autora a importância de estudar estes elementos na escola está no fato do reconhecimento da trajetória de vida dos sujeitos e do fortalecimento de uma cultura de reverência aos saberes do outro e de si mesmo. A autora também cita a festa do Congado com uma possibilidade de estudos acerca dos reinos africanos, do mito de Nossa Senhora, enfim de aspectos simbólicos que compõem esta festividade.

Porém a questão central deste estudo, segundo a autora, é a análise do papel do negro no desfecho do mito, pois ele vence o branco, que oferece uma bela igreja à santa, a qual se recusa e prefere a gruta simples e o toque dos tambores dos africanos.

É um exemplo de protagonismo dos escravos, que na opinião da autora, pode colaborar na autoestima dos afrodescendentes.

Dentro da mesma temática, Biaca (2011) em seu relato de experiência conta como foi o início do seu projeto sobre elementos da religiosidade afro-brasileira na disciplina de História em um Colégio Estadual. O tema surgiu do interesse dos alunos e foi desenvolvido com a participação docente e discente através de pesquisas, discussões e produções diversas.

O autor apresenta um histórico sobre a diáspora africana e apresenta sugestões de atividades pedagógicas sobre a temática, além de analisar a visão do negro retratada em livros didáticos e também faz um resumo das contribuições africanas na economia, religião e cultura.

CAPÍTULO 5: TRÊS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A UMBANDA E O CANDOMBLÉ

Após a reflexão sobre a importância do Ensino Religioso para a formação integral dos educandos e da constatação empírica da carência de boas práticas pedagógicas nesta área, especificamente ao se falar em religiões de matriz africana (NETO, 2010; BAKKE, 2011 entre outros), apresentamos três docentes que desenvolvem o estudo sobre aspectos das religiões de matriz africana conforme consta na Lei 10.639\03.

Entender a importância da Lei 10639\03 na escola é reconhecer e valorizar práticas de educação existentes na história e na cultura do negro. A construção de valores na educação aponta para ações efetivas como possibilidades de elaboração de axiomas que se destacam do pensamento filosófico. Nos dois momentos são relevantes a educação, a cidadania e a cultura. Não é só a força da lei, mas principalmente sua efetiva aplicação que leva à transformação, na sociedade e na educação brasileira. (RIBEIRO, 2013, p.32).

Estas profissionais compreendem a importância de apresentar todas as matrizes religiosas^{*3} aos alunos a fim de proporcionar a ampliação de olhares frente à diversidade, proporcionando aos estudantes a participação efetiva no processo de aprendizagem:

É extremamente encorajador ter a própria identidade respeitada afetuosamente na roda de diálogo, pois na sala de aula encontram-se as diferenças no mesmo espaço onde os laços de amizade acontecem e a afetividade é experimentada. (BRAMDENBURG, 2009, p.84).

³ matriz oriental, ocidental, indígena e africana.

Percebeu-se pelo relato de experiência das professoras que esta interação realmente foi possível, pois os alunos compartilham vivências experimentadas em suas matrizes religiosas através do diálogo e da interação entre si e com a professora, e que muitos sentiram a segurança de apresentarem-se frente à turma como pertencentes à Umbanda ou ao Candomblé depois das aulas expositivas das professoras.

As profissionais aplicam a metodologia proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (FONAPER, 1997), que é composta basicamente por três fases: observação, ou problematização, onde o aluno é instigado pelo novo conhecimento, reflexão e informação, quando há um estudo sobre o fato e depois há uma sistematização dos conhecimentos adquiridos, sempre partindo dos conhecimentos dos educandos:

“O Ensino Religioso como área do conhecimento constrói significados com base nas relações que os alunos estabelecem no entendimento do fenômeno religioso.” (OLIVEIRA, et.al, 2007, p.115).

E esta metodologia trouxe bons resultados, como podemos observar nas atividades propostas, pois as professoras vão aprofundando os conhecimentos conforme o entendimento dos alunos e também respeitando as suas diversas orientações religiosas familiares.

Porém, o docente não pode ficar apenas baseado no conhecimento dos alunos, mas partindo deste, ampliar o olhar discente através do estudo sistematizado das diferentes matrizes religiosas.

À escola compete prover os educandos de oportunidades de se tornarem capazes de entender os momentos específicos das diversas culturas, cujo substrato religioso colabora no aprofundamento para autêntica cidadania. (CARON, 2013, p.56).

E percebemos através dos relatos de experiências que as profissionais conseguiram fazer esta ampliação de olhares de forma lúdica, conceituada e respeitando a diversidade cultural e religiosa do Brasil e do mundo.

5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA A

A fim de explicitar a análise do trabalho das professoras, a primeira docente que tem um blog de Ensino Religioso será chamada de A, a segunda será chamada de B e a terceira que também tem um blog será chamada de C.

A professora A leciona a disciplina do Ensino Religioso desde 2010, atuando com as séries iniciais do Ensino Fundamental I.

Realizou-se uma análise de algumas atividades postadas em seu blog. ^{4*}

Para iniciar o tema com as turmas de quarto e quintos anos, a professora A apresentou o ponto Saudação ao Anjo da Guarda realizada na matriz africana.

Lá no céu uma luz brilhou

Anjos no terreiro eu chamei

Oh Deus, Óh Deus

Como brilha bonito

O anjo que está em mim

Como brilha bonito o anjo que está em mim

Se Oxalá permitir

Que venha meu anjo

Me guarde meu anjo

Me abençoe meu anjo

Meu anjo de luz

(Domínio público).

Esta atividade pode mostrar aos alunos o sincretismo religioso ocorrido entre elementos da religião católica (a crença nos anjos) com os elementos da religiosidade africana (orixá Oxalá), como formadores da religião de Umbanda.

⁴ <http://ensinoreligiosoemsala.blogspot.com.br/>.

Em seguida a professora solicitou a pesquisa para os alunos: Escrever junto com a família se em sua tradição religiosa existe anjos, qual a importância deles na prática religiosa dos discentes.

Na aula seguinte, os alunos socializaram o conhecimento entre si.

5.1.2 O PAPEL DA MULHER NOS TERREIROS

Outra proposta pedagógica feita apresentou o papel da mulher no Candomblé e alguns mitos sobre os orixás.

O estudo dos mitos é fundamental para conhecermos a cultura dos diversos povos, pois

Compreender as histórias do princípio (o mythos) é conhecer a constituição íntima das coisas, pois os próprios entes (os homens, os objetos, as plantas.) são constituídos conforme este tecido formado com as tramas das narrativas primordiais. (JUNIOR, 2006, p.22).

Portanto, conhecer as diversas visões sobre a origem das coisas podem nos ajudar a entender melhor o mundo, e ao mostrar aos alunos diferentes cosmovisões, como as africanas, por exemplo, podendo colaborar para uma melhor compreensão da religiosidade destes povos, e quem sabe até contribuir para uma postura mais respeitosa frente a estas crenças.

A docente apresentou o mito de Iemanjá, que coloca a mulher em destaque como ser criadora do mundo, e sendo a partir de seu ventre a origem das coisas e dos orixás.

Segundo Andrei (2014) esta divindade é cultuada tanto na Umbanda como no Candomblé

“No Brasil, é a Senhora das águas do mar”. O seu nome deriva da expressão YéYéOmó Ejá, que significa ‘mãe cujos filhos são peixes’. Seus domínios são a maternidade, a saúde mental e psicológica, além da formação da individualidade e da inteligência. Yemanjá é a mãe de todos e a dona de infinitas riquezas que distribui conforme seu próprio julgamento. (p.113).

Ao estudarmos as religiões de matriz africana, percebemos o aspecto central da mulher como geradora e guardiã da vida e da morte, como sujeitos centrais da criação. (GUILLOUSKI, 2013).

Após a narrativa, os alunos realizaram um painel sobre os orixás, representando a história ouvida.

Depois foi contado o mito do orixá Iansã e da origem dos seus domínios que são os ventos e tempestades, e os alunos representaram o relato em forma de histórias em quadrinhos.

Enquanto Yemanjá é o arquétipo de mãe e protetora, Iansã é a personalidade oposta. Esta divindade é

Conhecedora de todos os meandros da magia encantada, de caráter impetuoso, assertivo e atraente, nunca se deixou abater por guerras, problemas e disputas, e é conhecida como a Senhora dos ventos, raios e tempestades. Esta Iyabá carrega consigo um berrante de chifre de boi (animal no qual ela pode se transformar-se) e um eruexim feito com o rabo do mesmo animal. Ambos são símbolos de liberdade, poder e coragem, sendo que o último ainda representa o domínio real. (ANDREI, 2014, p.113).

É importante apresentar estes aspectos diversos de temperamentos das divindades e mostrar aos alunos como estes elementos favoreceram a aproximação entre mortais e orixás. Além de expor às alunas e aos alunos outras formas diferentes de ser: meigos, amorosos, impetuosos, guerreiros, e inclusive com ambas as faces em um mesmo sujeito.

Ao mostrar um pouco da cultura afro-brasileira nas suas aulas, a professora também trabalhou a vida da Mãe Menininha do Gantois, Yalorixá do Candomblé muito respeitada por seu empenho na luta pela liberdade religiosa dos cultos afro-brasileiros e pela legalização dos terreiros de Candomblé, empreita na qual foi vitoriosa, pois,

Liderou o terreiro de Gantois na Bahia por 64 anos até falecer, aos 92 anos de idade. Lutou pelo direito de praticar sua religião em paz, ou seja, defendeu publicamente a liberdade religiosa. Acolheu e ajudou muitos necessitados. Difundiu o respeito por todas as religiões e ensinou a prática da boa convivência entre os diferentes segmentos do Candomblé. (SCHOGL, 2013, p.52).

Além de mostrar o lado social e político do trabalho de Mãe Menininha, ao apresentar a biografia de uma líder religiosa, também se está expondo a questão da mulher na sociedade e especialmente no espaço religioso.

Resgatar o sagrado feminino é tornar possível o equilíbrio entre os aspectos masculino e feminino, é reconhecer a importância da mulher nos diversos âmbitos da vida social, política, cultural e religiosa. A mulher tem o direito de exercer junto com o homem o seu papel com respeito e dignidade. (GUILLOUSKI, 2013, p.53).

Esta discussão está presente na disciplina do Ensino Religioso, uma vez que a diversidade de gênero deve ser respeitada e tratada em todos os momentos da vida, além de ser um tema transversal, conforme orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ao estudar a história de vida desta importante yalorixá ^{5*} apresentamos também aos alunos o papel político e histórico do Candomblé, a luta pela manutenção dos costumes dos negros africanos e seus descendentes (SODRÉ, 2002), e podemos levar os alunos a refletir sobre a influência da religião sobre os diversos setores da sociedade, falando da questão da intolerância religiosa e da busca por uma convivência harmoniosa entre membros de diversas crenças.

A professora apresentou o papel significativo da sacerdotisa dentro do terreiro, como mediadora entre os orixás e os homens. Apresentou aos alunos uma ilustração que representa os significados de sua vestimenta e também um pequeno texto para melhor compreensão sobre esta função dentro do Candomblé.

Uma de suas alunas do quinto ano trouxe as roupas de uma yalorixá para a classe conhecer, e foi um momento de muito aprendizado segundo o relato da professora em seu blog.

A participação estudantil na concretização da aula de E.R. torna-se evidente quando o conteúdo dessa aula é, além de meio para a vivência, também cheio de significado para as pessoas envolvidas. (BRANDEMBURG, 2009, p.87).

⁵ yalorixá é o termo referente à sacerdotisa na religião do Candomblé. O masculino é babalorixá.

E foi exatamente o que a professora conseguiu, pois a aluna pode mostrar um pouco da tradição de sua crença ao trazer as vestimentas da sacerdotisa, o que proporcionou o conhecimento dos outros alunos e dela mesma, ao poder falar de sua religião.

Em outra aula, a professora apresentou para a turma de quarto ano, o mito de Imortalidade Africano, no qual conta como Olorum (Deus) criou em um primeiro momento os orixás e deu a eles os elementos da natureza para que cuidassem.

Segundo Junior, (2006, p.28) os orixás podem ser classificados conforme o elemento da natureza que regem, conforme segue a definição abaixo:

Ogum- senhor do ferro e da forja, patrono de todas as técnicas de cultivo e também de batalha.

Oxóssi- caçador da flecha infalível que conhece o segredo das ervas de cura.

Xangô- porta um machado de duas laminas, cujo simbolismo relaciona-se à justiça.

Iemanjá- Iemanjá é a mãe das águas salgadas, saudadas nas praias em noites de lua. Princípio genitor, é chamada “Mãe dos seios lacrimosos”, que assim se esvaindo deu origem aos oceanos.

Oxum- ligada aos rios, cachoeiras e lagos, é a mãe das águas doces. Oxum é a genitora por excelência e está ligada a descendência no Aiê.

Iansã-Ojá Iansã é a contraparte feminina de Xangô. É o raio e a tempestade, força de realização.

Oxalá- também chamado Orixanlá (grande Orixá), é a personificação do Deus Pai-Celeste. Suas bênçãos são a chuva abundante, que fecunda a Terra-Mãe e garante a geração de numerosa progênie (sementes-filho)

Após a professora apresentar a figura dos orixás e seu elemento de ação no meio ambiente, os alunos fizeram um desenho de uma paisagem que deveria conter três elementos da natureza, que são a representação dos orixás.

Na aula seguinte, a narração do mito continuou.

Depois de criar os orixás, Olorum resolveu criar o homem a partir da lama, mas como esta chorava ao ser pega, Deus não conseguia modelar as pessoas.

Neste momento, surge Iku, a morte, que não tem pena da lama e modela primeiro Orixalá, que é um dos orixás, e depois os homens, com o trato que em algum tempo ela virá buscar a alma dos seres humanos, a quem deu a vida.

Após a leitura do mito, os alunos ilustraram o texto em seus cadernos.

Mais uma vez a mulher surge como protagonista do mito, desta vez como Iku, a senhora da vida e também da morte, aquela que tem o poder de nos dar o sopro da existência e também nos levar para o mundo dos mortos.

Poderia ser mostrada aos alunos a semelhança entre este mito de criação africano e o que é descrito na Bíblia, mostrando aos discentes que:

O Gênesis hebreu parece se inspirar nos épicos sumério-babilônicos, só que Deus ordena o nascimento do homem com um espírito mais desinteressado, devido à “pura filantropia”, ou, possivelmente para mitigar Seu interminável isolamento. Também o homem dos hebreus é feito de argila, ou de barro mágico, e seu nome Adão, é uma variação da palavra hebraica adamah, “terra”. (FREUND, 2008,p.106).

Com o estudo entre semelhanças e diferenças entre as crenças das religiões e seus mitos, percebemos como a religião é uma construção histórica que herda elementos de distintas culturas para construir a sua teologia, sua forma singular de contato com o Transcendente.

Não pretendemos propor um estudo comparado das religiões, pois isto seria uma forma de hierarquizar ou até mesmo inferiorizar certas crenças, o que não é, em hipótese alguma, o objetivo do Ensino Religioso, mas mostrar através das semelhanças, o quanto as crenças tem elementos de união que podem levar a uma diminuição da intolerância religiosa.

5.1.3 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM REVISTA

A professora A neste ano teve a oportunidade de compartilhar um projeto seu sobre o estudo da matriz africana na Revista Diálogo (Agosto\Setembro, 2015), importante veículo de formação continuada dos professores de Ensino Religioso do país.

Na experiência relatada na revista, a professora desenvolveu o tema das tradições religiosas da Umbanda e do Candomblé com as turmas de segundo e terceiros anos, totalizando oito aulas dentro desta sequência didática.

Na primeira aula, a professora lembrou como os indígenas veem a Mãe Terra, e em seguida questionou sobre como seria a cosmo visão do Candomblé.

Os alunos elencaram as diversas riquezas naturais criadas por Olorum (nome de Deus no Candomblé).

Então, a docente iniciou a explicação sobre o mito de criação do mundo, no qual Deus criou os orixás para depois criar os homens.

Iniciaram o estudo sobre os orixás, divindades do panteão africano. O primeiro foi Ogum, senhor do ferro, da música e da guerra. Em seguida, apresentou uma figura e uma escultura do orixá e os alunos representaram através de um desenho.

Na terceira aula, os alunos estudaram sobre o orixá Oxóssi, Senhor da caça. Como atividade de fixação, os discentes realizaram um quebra-cabeça, viram a figura do orixá e tiveram como atividade para casa, trazer uma folha de uma planta medicinal.

Na aula seguinte, os alunos socializaram seus conhecimentos sobre as ervas medicinais e seus usos e conheceram o orixá Ossaim, responsável pelo cuidado com as plantas que servem como medicamento.

A imagem do orixá foi apresentada e, em seguida, os alunos confeccionaram um mural com as plantas que trouxeram de casa.

Na próxima semana a divindade estudada foi Oxum, senhora das águas doces. As crianças escreveram as características deste orixá em pequenos cartazes.

Na sexta aula foi a vez o orixá Xangô, senhor dos raios, tempestades e da justiça. Como atividade de fixação, cada aluno recebeu três raios feitos de papel laminado e criaram uma paisagem a partir deles.

Como tarefa de casa, os discentes deveriam pesquisar sobre os seres marinhos.

Na sétima aula, os alunos apresentaram os seres que pesquisaram, recortaram e coloriram figuras de seres marinhos e não marinhos. Fizeram um quadro mural sobre Iemanjá, orixá das águas salgadas.

Como atividade para casa, cada aluno levou um desenho de uma gota d'água na qual deveria escrever qual era o significado do arco-íris em sua tradição religiosa.

Na última aula, os colegas leram suas respostas para a turma. Em seguida foi apresentado o Orixá Oxumaré e confeccionado um mural com um arco-íris e as respostas dos alunos escritas nos papéis em forma de gotas d'água.

Como finalização, a docente relata o envolvimento e interesse com que os alunos participaram do projeto, e apresentaram, ao final das atividades, uma postura mais respeitosa frente à diversidade, principalmente em relação às religiões de matrizes africanas.

5.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA B

Passando para a análise do trabalho da professora B: ela tem mais tempo de experiência na disciplina atuando desde 2002 no mesmo nível de ensino.

Desta docente foi analisado também o conteúdo apresentado no II Compartilhando Experiências (2014), evento realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, além de um projeto realizado por ela.

A professora B trabalhou com as turmas de quarto e quintos anos os mitos de criação do mundo, conforme os conteúdos expressos no Currículo Municipal para estas séries que são Alteridade e Tradições religiosas, que tem como objetivos para o quarto ano do ensino fundamental:

- Identificar as diferentes matrizes religiosas, reconhecendo a importância da religião na vida das pessoas;
- Conhecer os textos sagrados, percebendo-os como referenciais de ensinamentos sobre a fé e a prática das tradições religiosas. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2014).

Dentre estes, objetivos encontra-se o conteúdo de estudo dos mitos de criação do mundo e do homem, e o conhecimento do mito de criação africano, pode ampliar o olhar dos educandos para outras possibilidades de vivência com o Sagrado

Os mitos fazem parte da cultura e da religião de todos os povos. Desde os tempos mais remotos, eles são, certamente, o primeiro recurso de linguagem simbólica utilizada pelos seres humanos com o propósito de explicar a realidade. Trata-se de uma linguagem poética e intuitiva que vai além da lógica racional. Os mitos de origem são uma tentativa de explicar, por meio de narrativa, o surgimento de todas as coisas. (GUILLOUSKI, et al, 2013, p.105).

Geralmente o único mito de criação que os alunos conhecem é o bíblico, por isso a importância de atividades como esta, para que os alunos conheçam outras visões de mundo e perceba o quanto o mito é uma narrativa que marca a religiosidade dos povos desde os primórdios da civilização.

Principalmente no caso da religiosidade africana que já sofreu tantos abalos quando os negros foram extirpados de suas terras e escravizados, o mito é uma das formas de manter vivo todo o conhecimento e sabedoria dos povos africanos e é também um meio de resistência ao sistema escravista através do poder da palavra

A tradição oral é, entretanto, além desse imenso conjunto literário, a grande escola da vida. Baseada numa concepção de homem e de universo que confere à Palavra origem divina, nela reconhece um poder sagrado, criador, capaz de preservar e destruir. (RIBEIRO, 1996, p.46).

É importante para os alunos conhecerem outras formas de cultura, além da ocidental que é geralmente escrita, mas também as formas oral, gestual e musical, praticadas por outras civilizações, e principalmente apresentar o valor da palavra nas religiões de matriz africana.

“O sacerdote, o poeta tribal, podia controlar ou obter coisas nomeando-as de forma solene; e podia trazer de volta eventos passados esquecidos e inclusive os mortos, evocando-os por meio das palavras.” (FREUND, 2008, p.75).

O docente pode propor aos alunos uma análise sobre o valor da palavra em nossa sociedade e também sobre a questão dos idosos, que nos povos de tradição oral tem tanta influência e poder, já em nossa sociedade ocidental, de tradição escrita, muitas vezes não há o respeito necessário com os anciãos.

Em seguida, a docente mostrou a figura dos principais orixás cultuados no Brasil, explicando que existem muitas outras divindades no panteão africano, mas que no nosso país, vemos mais o culto aos sete orixás que personificamos elementos da natureza primordiais para a existência humana: Oxossi, Oxum, Yemanjá, Ogum, Iansã, Oxalá e Nanã.

Os alunos realizaram desenhos sobre as forças da natureza que representam cada orixá.

Uma possibilidade de trabalho dentro desta atividade é salientar o papel central que o meio ambiente tem dentro destas religiões.

“Assim, a natureza é um espaço sagrado, de comunhão entre o mundo espiritual e o material, que deve ser respeitado e bem cuidado. Essa concepção nos lembra de uma das maiores preocupações da atualidade, que é a preservação da biodiversidade.” (SOUZA, 2011, p.78).

A questão do cuidado com o meio ambiente é tema central de debate em nossa sociedade, e dentro das religiões de matriz africana, a natureza é um elemento central uma vez que é a manifestação dos orixás em seus vários elementos e com a degradação do meio ambiente temos a influencia nos cultos e rituais e até a perda de preceitos devido à urbanização e diminuição das áreas verdes. (TRAMONTE, 2013).

Portanto é um assunto mais do que necessário dentro da escola, como forma de conscientização do uso racional dos recursos do nosso planeta.

Em sua apresentação no evento Compartilhando Experiências, a professora B relatou como trabalha a diversidade em suas aulas trazendo elementos de várias crenças das quatro matrizes religiosas: africana, indígena, ocidental e oriental.

Na matriz africana, ela apresentou a Umbanda e o Candomblé de forma adequada à faixa etária dos alunos, mostrando as diferenças entre estas duas religiões, além de apresentar algumas práticas religiosas realizadas nestas crenças.

Durante outra atividade, falou sobre as espiritualidades presentes nas duas crenças, não as apresentando de forma única, como geralmente vemos em livros didáticos e também nos que falam sobre religiões, mas mostrando as diferenças de ritos.

Após esta explicação os alunos confeccionaram uma mandala com figuras simbolizando elementos de diversas crenças, inclusive da Umbanda e do Candomblé.

Dentro do mesmo projeto, a docente apresentou orações de diversas religiões como: Espiritismo, Igreja Católica, Igreja Evangélica, Islamismo, Judaísmo, Tradições Indígenas e Africanas, apenas faltou delimitar de qual religião é a oração

desta última, pois diz apenas tradição africana tradicional e na outra oração diz apenas religiões afro-brasileiras. (Evento Compartilhando Experiências, 2014).

5.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA C

Esta professora também se utiliza do blog como ferramenta de reflexão de sua prática e como meio de divulgação e formação continuada para outros docentes, atuando desde 2011 neste veículo de informação.^{6*}

Ela inicia os estudos das religiões de matrizes africanas trazendo o mapa-múndi para que os alunos localizem geograficamente o continente africano e o Brasil, para depois iniciar o tema com seus alunos.

Como proposta de sensibilização, a docente sugere o filme “Kiriku e a feiticeira” que traz elementos do cotidiano das tribos africanas e traz a inovação de um herói negro, algo que vemos pouco tanto no cinema como na literatura infanto-juvenil.

Depois ela sugere a leitura de um conto sobre a entidade Preto-velho, que nos ensina que se tivermos fé, os espíritos protetores podem nos ajudar nos momentos de dificuldades.

Em uma de suas atividades, ela apresenta sugestões de figuras para colorir dos orixás, o que facilita o aprendizado dos alunos através de imagens.

Uma inovação trazida pela professora é trazer imagens de boiadeiros, ciganas, crianças, entre outras falanges de espíritos que atuam na Umbanda, pois normalmente o que vemos em livros são apenas figuras dos orixás.

Com esta proposta, os alunos puderam conhecer outras entidades que também são cultuadas dentro desta religião.

Em outra postagem ela apresenta um livro sobre Umbanda e Candomblé que pode ser trabalhado com os alunos, pois traz uma linguagem adequada às faixas etárias dos alunos e também várias figuras para complementar o conhecimento.

⁶ <http://profkarinensinoreligioso.blogspot.com.br/>

Apresenta as diferenças e semelhanças entre as duas religiões e traz também alguns termos de origem africana usados nos rituais e seus significados.

A docente também trouxe uma adepta do Candomblé para falar sobre os costumes, orixás e ritos utilizados.

Na ocasião, ela trouxe as roupas utilizadas no xirê (culto do Candomblé) e também as guias (colar sagrado) para os alunos conhecerem.

Esta pessoa é mãe de duas alunas desta turma, portanto a visita proporcionou a participação da família em sala de aula, além de procurar desmistificar certos preconceitos que os alunos poderiam ter.

Após a visita, os alunos confeccionaram colares com miçangas, representando as guias utilizadas nas religiões afro-brasileiras.

Ao apresentar os rituais e religiões que usam o incenso em suas práticas, a docente mostra os usos da defumação e do incenso na Umbanda, que não é apenas um ritual,

Mas, na espiritualidade, a defumação é um procedimento fundamental para o bom andamento dos trabalhos. Regidos pelos Guias e Mentores de um terreiro, os Espíritos da Natureza, ou Elementais, utilizam-se dos princípios ativos contidos nas ervas para fazer a limpeza energética do espaço e das pessoas. (OXOSSI, 2014, p.104).

Este aspecto central da defumação como purificadora está presente também na Igreja Católica, no Budismo, no Hinduísmo e também na Umbanda, as quais foram apresentadas aos alunos através de figuras e textos explicativos, sempre garantindo o direito ao conhecimento da diversidade religiosa.

A docente também explorou o estudo dos mitos, um deles foi o de Iansã, orixá dos ventos e tempestades.

Para isso utilizou a música “Aguerê”, interpretada por Gustavo Proença, os alunos estudaram a letra da música, puderam dançar e cantar, e depois os alunos realizaram a confecção de cata-ventos de papel, símbolo do elemento regido por Iansã, com os quais foi criado um cartaz e móveis para exposição no pátio da escola.

A professora também trabalhou a arte da fotografia em conjunto com o Ensino Religioso, ela apresentou as fotos do artista James C. Lewis, que procurou através de modelos humanos, retratar elementos dos orixás africanos.

Depois da apreciação das imagens, os alunos realizaram uma colagem em tamanho natural de uma pessoa de um dos orixás vistos, utilizando as cores das divindades e tendo as fotografias como inspiração para a colagem em grupo.

Um diferencial desta proposta é apresentar aos discentes outros orixás além dos sete mais conhecidos do panteão Yourubá, que são: Oxum, Oxalá, Ossaim, Iansã, Oxóssi, Iemanjá e Ogum; ela trouxe Obá, Oko, Olokun, Erinlé, e sem dúvida o mais polêmico deles que é Exú, pois é uma entidade que foi satanizada pela Igreja Católica no tempo da colonização e que perpetua a ideia do negro como inferior e pecador, daí vem o termo Satan, que era como os europeus chamavam os africanos, pois eram povos temidos pela sua capacidade de vencer batalhas,

Foi então, um termo criado para simbolizar a raça negra, inimiga da raça branca, porque, nesses tempos, os povos ainda não conheciam o Princípio do Mal, como a entidade celestial decaída, que só muito tempo depois é que foi aparecendo na cabeça dos místicos. Os povos brancos sincretizaram essa entidade com um boneco pintado de preto e arrumaram-lhe chifres, rabo, unhas aduncas, dentes caninos, patas de bode, tridente etc. Cada um lhe atribuiu os vícios da humanidade e outros males. (TRINDADE, 2013, p.114).

Apenas por este breve histórico, percebe-se a importância de apresentar esta divindade aos alunos, para que eles conheçam outra versão dos fatos, ou seja, o lado das religiões afro-brasileiras que cultuam Exú como mensageiro e executor das vontades dos orixás, e dentro de suas crenças, sem nenhuma ligação com o Mal, uma vez que em muitas destas religiões não existe uma personificação maligna, e nem mesmo creem na existência da dualidade bem X mal.

E também para que possam compreender como o racismo e o preconceito religioso caminham lado a lado, e que a ideia do senso comum de que a cultura africana seja inferior serve como base para associá-la ao mal.

Ao trabalhar o tema da diversidade, a docente apresentou a história de uma menina que veio de Angola e teve algumas dificuldades de adaptação ao novo país e aos colegas, mas que aos poucos, vai se acostumando ao novo país.

Esta história é muito interessante, pois trata de um tema atual, que é a constante leva de imigrantes que vem chegando ao Brasil e a outros países também, e que devem ser respeitados, assim como os habitantes nativos do local.

Ao estudar o significado sagrado das árvores nas religiões, a professora apresentou algumas árvores e seus respectivos mitos como a Samaumeira, para os indígenas, o Bodhi, para os Budistas, a videira para o Judaísmo e o Baobá nas religiões de matriz africana, principalmente no Candomblé.

Ela apresenta um dos mitos de criação do Baobá: dizem que ela foi a primeira árvore a ser criada, mas ao ver seu reflexo em uma poça d'água, sentiu-se tão feia que resolveu reclamar com Deus e pedir uma nova aparência. De tanto ouvir reclamações, o Criador acabou virando a árvore de ponta cabeça, por isso seus galhos parecem com raízes.

Além do aspecto mítico, a professora apresentou os usos medicinais e alimentícios da árvore, uma vez que com as diversas partes dela é possível fazer remédios e até mesmo comer a sua polpa.

No evento Compartilhando Experiências 2014, a docente também esteve presente apresentando um trabalho desenvolvido com as turmas de segundos anos do fundamental I.

Ela fez uma roda de leitura com a história “o coração do Baobá”, de Heloisa Pires Lima, que conta como a árvore do baobá confiou na amizade de um coelho e abriu seu coração, ou seja, seu interior cheio de tesouros de pedras preciosas. O coelho, chegando a casa deu as joias de presente à sua mulher.

A coelha mostrou para sua amiga hiena que ficou com muita inveja e resolveu ir conseguir também pegar alguns tesouros com a árvore.

Ela conversou com o baobá, assim como o coelho fez, pediu para que ele lhe mostrasse o coração, mas não teve a paciência de esperar ele se abrir devagar, pulou no tronco da árvore e a machucou, assim o baobá se fechou e não mostra mais os seus tesouros, sempre se lembrando que um dia foi ferido pela cobiça de uma hiena.

Após a leitura, foi feita uma conversa com os alunos para conhecer suas impressões sobre a história lida.

Depois, os alunos realizaram uma colagem com papel Kraft, simbolizando as folhas da árvore em formato de coração, escrevendo dentro os segredos que cada um traz em seu coração.

Cada criança levou para casa a figura de um baú onde deveriam colar ou desenhar desenhos que representam os tesouros da sua vida, esta atividade foi feita com a ajuda da família.

Na aula seguinte, os alunos socializaram o conhecimento com seus colegas, e construíram um baú coletivo da turma, onde cada um colocou desenhos e palavras que representam valores importantes para a sua vida.

Segundo o relato da professora, os alunos compreenderam que assim como na história, o mais importante não são as joias e tesouros acumulados, mas a amizade, o carinho e a confiança entre as pessoas, valores ensinados pela maioria das tradições religiosas.

Em outro mito contado por Reginaldo Prandi, os dezesseis príncipes são convidados para banquetes na casa de Ifá, mas resolvem em um dia, não chamar o irmão Obará, pois este só sabia contar desgraças.

Quando Ifá percebe que está faltando um dos príncipes, expulsa de sua casa os outros quinze sem servir-lhes o jantar, dando a cada um uma abóbora.

Na volta, eles passam na casa de Obará, que se compadece deles e faz um belo banquete para seus irmãos, mas como ele não tem como pagar o dono da venda, resolve entregar as abóboras deixadas pelos seus irmãos.

Ao abrir uma das abóboras, Obará se depara com muitas riquezas, e ao reencontrar Ifá fica muito feliz e agora só tem boas histórias para contar.

A professora utilizou como recurso de contação de histórias, desenhos no quadro negro com giz, o que torna a narrativa dinâmica para os ouvintes.

Depois os alunos realizaram um desenho sobre o mito que acabaram de conhecer.

Nestes dois mitos, percebemos o mesmo ensinamento: aquele que é humilde recebe recompensas, mas a pessoa que é preguiçosa, afoita, enfim, mal intencionada acaba se saindo mal no fim da história.

Este é um valor ensinado pela maioria das religiões: a humildade, o respeito, enfim, quase todas as crenças utilizam-se de mitos, parábolas e lendas para ensinar valores morais aos seus fiéis.

CAPÍTULO 6: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA TRIÁDE DO CONHECIMENTO NA DIVERSIDADE

Após a análise individual do trabalho das três professoras, percebem-se pontos em comum entre as sequencias didáticas desenvolvidas:

As docentes destacaram o papel da mulher dentro das religiões de matrizes africanas, principalmente no Candomblé, e todas desenvolveram o estudo da biografia da Mãe Menininha do Gantois, yalorixá de grande importância religiosa e política para o reconhecimento de sua crença, ao lutar pela legalização dos terreiros e de suas práticas ritualísticas.

Outro tema recorrente foi a apresentação dos orixás ligados aos elementos da natureza, portanto com forte tendência à preservação dos recursos naturais, um assunto mais do que urgente na atualidade.

Esta é uma das formas dos alunos internalizarem melhor o conhecimento, pois na infância existe um maior fascínio pela natureza e principalmente pelos fenômenos que não podemos controlar como tempestades, fogo, raios, enfim, elementos ligados aos orixás.

A atividade de fixação através de desenhos e imagens pode ser um forte aliado na compreensão dos conteúdos, uma vez que o aluno expressa-se conforme o que compreendeu das características do orixá, e pode ser uma forma também de avaliar os pontos da narrativa que talvez não tenham sido bem compreendidos para serem retomados pela docente, portanto é também um instrumento de avaliação.

O uso de mitos como possibilidade de conhecimento da cultura africana também foi utilizado, uma vez que toda história traz em si muitos ensinamentos característicos das culturas de tradição oral e são expressões da religiosidade

africana que se expressa através dos mitos, trazendo vários elementos simbólicos em suas narrativas:

Os símbolos podem ser apenas parcialmente descritos e interpretados, pois têm um núcleo inconsciente de significado. Mas cada interpretação que se aproxima mais ou menos do sentido oculto destes símbolos sempre reclamou, desde o começo mesmo, que a experimentássemos como coisa absolutamente válida e verdadeira e lhe prestássemos reverência e devoção religiosa instantâneas. (FREUND,2008,p.85).

Ao apresentar estes mitos carregados de símbolos, proporcionamos aos alunos conhecerem outras formas de entender o mundo, de compreender o significado das coisas e sua ligação com o Transcendente.

É claro que a interpretação que foi feita por cada indivíduo talvez não seja a mesma da que é feita pelos devotos dos orixás, afinal a interpretação leiga e a baseada na fé são bem distintas, uma vez que a fé é capaz de nos trazer explicações subjetivas e muitas vezes incompreensíveis para os que não estão envolvidos na mesma crença religiosa.

Mas um dos objetivos do Ensino Religioso é este mesmo: trazer o conhecimento de várias religiões para o conhecimento e análise conforme a visão de cada pessoa, sem desrespeitar suas crenças anteriores, mas buscando uma vivência na forma de crer do outro, ou seja, o respeito na alteridade.

Para atingir este objetivo, as professoras buscaram metodologias diversificadas, conforme pode-se perceber nos relatos das experiências: encontramos textos de fixação, letras de músicas, maquetes, trabalhos de grupo, visitas de membros do Candomblé, enfim, uma variedade de metodologias que contribuíram sem dúvida para que estas práticas se tornem exemplos de aulas lúdicas, com embasamento teórico e respeito à diversidade religiosa, como devem ser todas as aulas de Ensino Religioso, e das outras disciplinas também, afinal a Religião surge em vários momentos da convivência escolar e qualquer atrito deve ser bem resolvido e questionado por qualquer docente que esteja presente no momento, pois:

À escola compete prover os educandos de oportunidades de se tornarem capazes de entender os momentos específicos das diversas culturas, cujo substrato religioso colabora no aprofundamento para autêntica cidadania. E, como nenhum conhecimento teórico sozinho explica completamente o processo humano, é o diálogo entre eles que possibilita construir explicações e referenciais, que escapam do uso ideológico, doutrinal ou catequético. (CARON, 2013, p.56).

E percebemos nas práticas das docentes, a presença deste diálogo, inclusive com a participação das famílias, pois a docente C relatou a visita da mãe de duas alunas pertencentes ao Candomblé.

Foi uma oportunidade para os alunos conhecerem esta religião e também para as discentes mostrarem um pouco de sua prática religiosa.

Outro ponto positivo, é que as docentes apresentaram a Umbanda e o Candomblé de forma diferenciada, apresentando as semelhanças e diferenças nos cultos, principalmente a docente C mostrou aos alunos as diversas falanges de espíritos que se manifestam na Umbanda, não se limitando apenas ao estudo dos orixás.

CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do projeto desta pesquisa os objetivos eram um pouco diferentes do que acabou sendo realizado, pois, durante o desenvolvimento das leituras e análise das atividades, percebeu-se que eram necessárias algumas adaptações á ideia inicial, pois não nos foi possível concretizar de forma integral alguns dos objetivos propostos.

A primeira alteração necessária foi devido ao tempo destinado ao termino da pesquisa, o que tornou possível somente as análises dos limites no trabalho pedagógico através dos relatos de outros pesquisadores, já que o trabalho das três professoras analisadas não apresentou no momento, por questões éticas ⁷ e temporais, a possibilidade de uma entrevista para conhecer as dificuldades apresentadas por elas.

E por uma questão de opção pessoal e também metodológica, foram aqui expostas atividades exitosas, uma vez que a maioria dos trabalhos acadêmicos encontrados mostra o contrario, ou seja, docentes que se negam a trabalhar o tema ou o fazem de forma errônea, reforçando os preconceitos já presentes no imaginário popular.

O segundo objetivo tem um aspecto mais normatizador e traz a tona a discussão sobre a implementação da Lei 10.639\03 no Ensino Religioso e no ambiente escolar como um todo.

Mas a pesquisa foi além do aspecto legal, uma vez que demonstrou pelas práticas das professoras que conhecer a diversidade religiosa vai além de cumprir uma lei, mas é capaz de enriquecer os saberes de alunos e professores como cidadãos pertencentes a uma sociedade repleta de diversidade e preconceitos.

Outro aspecto é que foi necessário um recorte dentre as várias religiões de matriz africana existentes no Brasil, optou-se pela exposição apenas do Candomblé

⁷ devido ao tempo de desenvolvimento da pesquisa o Comitê de Ética da UFPR não liberou o uso de questionários para as docentes participantes deste estudo.

e da Umbanda por serem as que apresentam o maior número de adeptos em Curitiba, onde a pesquisa foi realizada.

O terceiro ponto que a ser alterado, foi a inclusão do trabalho de mais uma docente, formando uma tríade de conhecimento, já que esta outra profissional também tem um blog, veículo que lhe permite colaborar na formação continuada de professores de várias localidades, além de ter o seu trabalho muito valorizado pela Secretaria Municipal de Educação.

Através da análise modesta, pois o tempo não nos permite uma reflexão mais aprofundada, foi possível observar como as três docentes trabalham os conteúdos de forma a respeitar e incentivar o convívio com a diversidade, mesmo com todas as dificuldades existentes e do preconceito gerado em torno das crenças de matriz africana em nossa sociedade.

Apesar de não haverem muitos cursos na área do Ensino Religioso, as docentes demonstraram que a busca constante pelo conhecimento leva a resultados excelentes.

E são exatamente estes resultados surpreendentes que vemos ao conhecer o trabalho destas profissionais, que mostram o valor do Ensino Religioso, não como uma disciplina secundária, ou como espaço de ensino de valores, mas como uma área do conhecimento séria, ainda com carência conceituais devido a poucas pesquisas acadêmicas na área, mas que vem, pouco a pouco mostrando o seu valor dentro do espaço educacional brasileiro e também internacional.

Este trabalho enalteceu a prática destas profissionais e também, de forma ousada, quem sabe possa encorajar outros docentes que sentem receio de tratar das religiões com seus alunos a perceber que este estudo, na forma da Lei 9394\96, em seu artigo 33, é sim possível e pode acontecer de forma concreta em sala de aula.

Também não podemos esquecer-nos da Lei 10.639\03 que garante o ensino da História dos povos africanos e da cultura afro-brasileira, inserindo-se nela o estudo das religiões de matriz africana, tendo em vista sempre o respeito a todas as matrizes religiosas, o que foi realizado pelas docentes com êxito.

Este deve ser o papel do professor de Ensino Religioso: apresentar diversas formas de contato com o Transcendente sempre de forma respeitosa e buscando a interação dos alunos com o conhecimento apresentado e adquirido.

E com certeza, nestas três práticas pedagógicas, pudemos constatar este respeito e diálogo tão necessário ao convívio cidadão entre as pessoas de diferentes crenças.

Esperamos no futuro ver menos trabalhos que retratem o preconceito ou a ausência das religiões de matriz africana nas escolas do Brasil e do mundo afora, e mais exemplos como estes que foram analisados nesta pesquisa, para que possamos enfim nos orgulhar de estar formando cidadãos, quem sabe, um pouco mais éticos e respeitosos frente à diversidade.

Que pelo menos a escola, procure se tornar um espaço de respeito, já que na sociedade em geral, ainda vemos a intolerância de forma imperante agindo ao constranger o povo de santo, ou seja, os adeptos das crenças afro-brasileiras.

E esta mudança pode advir da ampliação do olhar dos docentes e comunidade escolar, além do investimento real em cursos de formação inicial e continuada na área das Ciências da Religião.

É claro que será um processo lento, afinal temos séculos de segregação da cultura negra em nosso país, mas é necessário começar o plantio de sementes de mudanças, ao apresentar aos nossos alunos, que além do Cristianismo, existem muitas outras formas de crer e sentir que devem ser respeitadas, além da opção de não seguir nenhuma crença religiosa.

REFERÊNCIAS

ABARRA, Larissa Oliveira de. **Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira.** In: Modos de fazer: Caderno de atividades, saberes e fazeres\Org. Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, p.67-72

ANDREI, Elena Maria. **Religiosidades afro-brasileiras: resistência, interlocuções e identidade.** In: Curso EAD de qualificação em Educação das Relações étnico-raciais: caderno 2, NEAB, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014,p.97-118.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa.** Petrópolis: Vozes, 2ª Ed. , 2011.

BAKKE, Rachel Baptista: **Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da lei 10.639.** (Tese de Doutorado em Antropologia Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo. São Paulo, 2011 .Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-31052012-160806/en.php>. Acesso em 08\01\2014.

_____. **Do terreiro para as escolas.** Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/rachel%20rua%20baptista%20bakke.pdf. Acesso em 06\03\2015.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, segundo volume, 1971, p.359-400.

_____. **Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo,** São Paulo: DIFEL, Editora da USP, 1974.

BESEN, Artulino José (et.al): **O universo religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**.São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2008.

BIACA, Valmir. **O legado religioso dos afro- descendentes** Disponível em:http://gruel.com.br/wp-content/uploads/2011/10/aula_pron...pdf.2011. Acesso em: 24 de Abril. 2014.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.

BRASIL: **LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997**,DF,22 de Julho de 1997.Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9475.htm acesso em 19\04\2014.

BRASIL: **LEI Nº 10.639**, de 9 de Janeiro de 2003. DF, 10 de Janeiro de 2003.

BRANDENBURG, Laude Erandi. **Práxis Educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática**. In: Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores. Orgs. Selenir Correa Gonçalves Kronbauer; Marga Janete Stroher. São Paulo: Paulinas, 2009, Coleção Docentes em Formação, p.79-90.

CARON, Lurdes. **O currículo do Ensino Religioso e as matrizes culturais do povo brasileiro**. In: RELEGENS THRÉSKEIA- Revista de estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 01 – 2013 p.52-70.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2010, p.82-97.

FONAPER: Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 3ª edição, São Paulo: Editora Ave Maria,1998.

FREUND, Philip. **Mitos da Criação: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência.** São Paulo: Cultrix, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª Ed., São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 30\04\2015.p.41-45.

GUILOUSKI, Borres. **O sagrado feminino nas religiões.** In: Ensino Religioso: Diversidade Cultural e Religiosa\Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. Curitiba: SEED,\PR 2013, p.53-59.

_____ et.al. **Mitos de origem: onde a vida começa.** In: Ensino Religioso: Diversidade Cultural e Religiosa\Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. Curitiba, SEED,\PR 2013, p.53-59.

IBGE. **Censo 2010 por amostragem**, Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estados/temas.Php?sigla=pr&tema=censodemog2010_relig . Acesso em: 03\05\15.

IVOLELA, Millene, *et.al.* **O legado da Umbanda nas aulas de Ensino Religioso.**In: <https://br-mq6.mail.yahoo.com/neo/launch?.rand=d7tq51jpv7tpa#2492189457> acesso em 07\03\2015.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Candomblés: como abordar esta cultura na escola.**In: Revista espaço Acadêmico. nº 102, novembro de 2009, ano IX, Disponível em: www.eduem.uem.br. Acesso em 23 de Abril de 2014.

JUNIOR, José Abílio Perez. **Mitologia e simbolismo dos orixás**. In: Silva, Lucia Helena Oliveira; Fernandes, Frederico Augusto Garcia: Cultura Afro- brasileira, expressões religiosas e questões escolares. Volume1, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, Caderno Uniafro, 2006 p.18-29

KADLUBITSKI, Lidia, JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **A leitura do ensino religioso na Cultura Afro-Brasileira e Cultura Indígena**. In: Revista Identidade! Da escola superior de Teologia das Faculdades Est. São Leopoldo/RS, vol.16, n.2, jul\dez 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view>.

LIMA, Adiles da. **A invisibilidade da cultura negra nos currículos escolares**. In: Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores. Orgs. Selenir Correa Gonçalves Kronbauer; Marga Janete Stroher. São Paulo: Paulinas, 2009, Coleção Docentes em Formação, p.111-127.

MELLO, Adriana: <http://ensinoreligiosoemsala.blogspot.com.br/>. Acesso entre 20\01\2015 a 15\08\2015.

_____ : **O encanto do Ensino Religioso**. In: Diálogo: Religião e Cultura. São Paulo, Paulinas, Agosto\Setembro de 2015, p.60-63.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, (Coleção Cultura Negra e Identidades).

NETO, Antonio da Costa. **Ensino Religioso e as Religiões de Matrizes Africanas no Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação: Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: http://db.gper.com.br/nep/2014/01/0000001487-01-B67D88F4-2010_ANTONIOGOMESDACOSTANETO.PDF. Acesso em: 19\04\2014.

NONATO, Eunice Maria Nazareth; SILVA, Clemildo Anacleto da. **Educação, intolerância religiosa e direitos humanos**: In: Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores. Orgs. Selenir Correa Gonçalves Kronbauer; Marga Janete Stroher. São Paulo: Paulinas, 2009, Coleção Docentes em Formação, p.23-46.

OLIVEIRA, Amurabi. **A vez das religiões afro-brasileiras no ensino religioso? As possibilidades e limites abertos pela Lei 10.639\03**. In: Numen: Revista de estudos e pesquisa em religião. Juiz de Fora, n. 17, v.1,p.171-188.2014. Disponível em: <http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/2823/2157> Acesso em: 05\03\2015.

OLIVEIRA, Lilian Blanck, *et.al.* **Ensino Religioso no Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez Editora, Coleção Docência em Formação: Ensino Fundamental, 2007, p.56-130.

OLIVEIRA, Marly Maria de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 3ª Ed.; 2008; p.58-90.

OXÓSSI, Flávio de. **Umbanda sem medo e sem preconceito**. São Paulo: Madras, 2014.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**, São Paulo: Paulinas, 2007 (coleção educação em foco. Série educação, história e cultura).

PORTO, Liliana. **O ensino da História e cultura afro-brasileiras e a temática religiosa: dilemas enfrentados na aplicação da Lei Nº10. 639/03**. In: MEC\SECADI: Curso de especialização em Educação étnico raciais, CIPEAD, UFPR, Curitiba, 2014, p.185-242. Disponível em: www.cipead.ufpr.br. Acesso em: 28\03\14.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Obertal Xavier. **Construir valores educativos ou cumprir a Lei?** In: Revista Diálogo, São Paulo: Paulinas, ano XVIII, Fev-abril de 2013, p.32-37.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma africana no Brasil: os Iorubás**. São Paulo, Editora Oduduwa, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO:
<http://educacao.curitiba.pr.gov.br/multimedia/2015/3/pdf/00059047.pdf>:

Compartilhando Experiências 2014, Acesso em 20\05\2015.

SCHLOGL, Emerli. **Dos baobás para as meninas**. In: Revista Diálogo, São Paulo: Paulinas, ano XVIII, Fev-abril de 2013, p.50-53.

SILVA, Lucia Helena Oliveira. **História afro-brasileira e africana nas escolas**. In: Silva, Lucia Helena Oliveira; Fernandes, Frederico Augusto Garcia: Cultura Afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares. Volume 1, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, Caderno Uniafro, 2006 p.30-39.

SILVA, Jackson Ronie Sá, et.al. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I - Julho de 2009 www.rbhcs.com ISSN: 2175-3423.p.1-14. Acesso em 23\09\2015.

SILVA, João Bosco da. **CULTURA E RELIGIOSIDADE: O COMPROMISSO DA ESCOLA COM A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO- BRASILEIRA.** Revista da Faculdade de Educação, ano VI nº 9 Jan\Jun 2008.Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_9/artigo_9/141_152.pdf. Acesso em 07\03\2015.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira.** Rio de Janeiro: Imago Ed., Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Marcilene Garcia de (coord.). **A África está em nós- história e cultura afro-brasileira: africanidades paranaenses.** João Pessoa: Editora Grafset, 2011.

TRAMONTE, Cristiana. **Religiões afro-brasileiras: direitos, identidades, sentidos e práticas do “povo- de- santo”.**In:Diversidade Religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver: FLEURI, Reinaldo Matial [et al] (orgs). Edifurb, Blumenau: 2013.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Você sabe o que é Macumba? Você sabe o que é Exu? - 1ª Ed.** São Paulo: Ícone Editora, 2013.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos e na Antiga costa dos escravos na África.** 2.ed.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 10-133. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=mYZtSQsR2v4C&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=true. Acesso em 20\04\2015.

WILLMS, Karin: <http://profkarinensinoreligioso.blogspot.com.br>. Acesso em 11\08\2015.

_____ :<http://educacao.curitiba.pr.gov.br/multimidia/2015/3/pdf/00059045.pdf>. Acesso em 13\08\2015.